

ADÉLIA NICOLETE

manto da
transição



manto da *transição*

narrativas escritas e bordadas
por uma mãe de trans



Alpharrabio
EDIÇÕES

Copyright © Adélia Nicolete, 2024

Projeto gráfico e diagramação: Fabricando Ideias Design Editorial

@fabricando.ideias

Fotografias (miolo e capa): Robson Dutra – Estúdio Karina Bassi

Capa: Isabela A. T. Veras

Revisão: Rosana Chrispim

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

N55m Nicolete, Adélia

1.ed. Manto da transição : narrativas escritas e bordados para uma mãe de trans / Adélia Nicolete. – 1.ed. – Santo André, SP : Alpharrabio Edições, 2024.
epub

ISBN 978-65-87810-33-1

1. Diversidade sexual. 2. Gênero e sexualidade. 3. Identidade de gênero. 4. LGBTQIAPN+ – Siglas. 5. Pessoas transgêneros. I. Título.

02-2024/41

CDD 305.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Diversidade sexual : Transexualidade : Sociologia 305.3

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária - CRB-1/3129



O livro *Manto da Transição: narrativas escritas e bordadas por uma mãe de trans* integra o projeto de mesmo nome contemplado pelo ProAc Editais – 40/2022 – Cidadania/Cultura LGBTQIA+, promovido pela Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas do Governo do Estado de São Paulo.

ADÉLIA NICOLETE

manto da
transição

narrativas escritas e bordadas
por uma mãe de trans



Alpharrabio
EDIÇÕES



Aviso de conteúdo

Este livro contém narrativas de mães de transmasculinos e de homens transexuais. Alguns relatos podem desencadear gatilhos para pessoas sensíveis aos seguintes temas: automutilação, tentativa de suicídio, abuso de substâncias, disforia de gênero e dismorfia corporal.

Se você está passando por algum desses processos ou conhece alguém nessa situação, acesse o perfil [@manto_da_transicao](#) no Instagram e procure pelos links de assistência disponíveis. Lá você também encontra sugestões de leituras e de filmes sobre a temática trans e LGBTQIAPN+.*

* Sigla que abrange pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer/questionando, assexuais/arromânticas/agênero, pan/polissexuais, não-binárias e outras categorias mais.

**para as mães da comunidade LGBTQIAPN+
para minha mãe**

“Mulher, como você se chama? – Não sei.
Quando você nasceu, de onde você vem? – Não sei.
Para que cavou uma toca na terra? – Não sei.
Desde quando está aqui escondida? – Não sei.
Por que mordeu o meu dedo anular? Não sei.
Não sabe que não vamos te fazer nenhum mal? –
Não sei.
De que lado você está? – Não sei.
É a guerra, você tem que escolher. – Não sei.
Tua aldeia ainda existe? – Não sei.
Esses são teus filhos? – São.”

Vietnã, de Wislawa Szymborska



Bando de criação

Texto: Adélia Nicolete

Prefácio e consultoria de texto: Daniel Veiga

Texto da orelha: Luís Alberto de Abreu

Apresentação: Dalila Teles Veras

Posfácio: Nina Veiga

Consultoria temática e texto da quarta capa: Bernardo Emanuel

Consultoria de acessibilidade: Edgar Jacques

Leitura crítica: Luís Alberto de Abreu e Cristina Flores Garcia

Fotos: Robson Dutra – Estúdio Karina Bassi

Tratamento das imagens: Thomás de Abreu

Provocação estética: Ana Paula Patrone, Ivy Calejon, Janice Kirner, Karina Nakahara, Renata Matteoni

Bordados: Adélia Nicolete

Exposição: Pitiu Bomfim

Assessoria de Imprensa: Afeto Comunicação

Revisão: Rosana Chrispim

Capa, projeto gráfico e diagramação: Isabela Teles Veras



Sumário

Bando de criação	11
Do livro e sua feitura, do livro e sua feição <i>Dalila Teles Veras</i>	15
Meu nome é Daniel e minha mãe me cobriu com seu manto! <i>Daniel Veiga</i>	17
Caderno Reinaldo.....	25
Bordar a escrita	27
Bruno.....	31
Jonathan	35
Gabriel.....	37
Cauê.....	39
Rafael.....	41
Benjamin.....	44
Lourenço.....	48
Chico	50
Nicky	53
Lucca.....	55
Valentim.....	56

Caderno Orlando.....	61
Escrever com agulha e linha	63
Jaqueta Jeans.....	65
Vestido Azul.....	68
Vestido Branco.....	71
Vestido Florido	74
Jardineira.....	77
Vestido Dama de Honra	79
Binder	82
Jaqueta Verde.....	85
Fios entrelaçados numa trama de sentires, a título de apreciação intensiva	
<i>Nina Veiga</i>	89
Agradecimentos Gerais.....	95

Do livro e sua feitura, do livro e sua feição

Cauê, Gabriel, Jonathan, Bruno, Rafael, Bernardo, Benjamin, Lourenço, Nicky, Lucca, Valentim e Diego habitam este livro e fazem parte do processo que resultou nele. Suas respectivas mães habitam e integram o alicerce. Conheceram-se antes de se encontrarem aqui? Não importa.

Para o leitor mais atento, logo fica estabelecido que um fio liga estas vidas, como um punhado de pequenas pedras preciosas a formar um colar. Não um colar qualquer, que pode ser exibido sobre uma roupa qualquer, mas um colar que é usado por dentro, no “calado pertencido” como dizia meu amigo e mestre Paulo Dantas, estudioso de Rosa, não por caso, trazido para esta notável junção de preciosidades.

Tudo que li aqui era conhecido apenas de ouvir contar. Agora, muito mais que isso, são histórias vívidas e vivenciadas pelo poder da palavra escrita.

Entretanto, eu, que de há muito faço das palavras meu ofício, encontro-me a gaguejar nesta difícil tarefa de condensar e retransmitir essas histórias do ponto de vista de quem apenas é leitora e levou um soco no estômago pelas artes do bem

contar, do bem sentir, do bem traduzir aquilo que, em muitos casos, sequer é “traduzível”.

Desde sempre fui seduzida por processos de criação, tanto solitários quanto coletivos. Muito mais do que qualquer que seja o resultado de um processo, encantam-me a argamassa, as linhas, o papel, a vivência, a escrita, a troca, os temores, as oscilações, as indecisões. É dos detalhes quase imperceptíveis as marcas do que se alimentou o projeto, mas que representam o sal da terra, o húmus, a rega, a costura e a emoção do ponto final.

Fui lendo, relendo... Tentando me deter naqueles degraus que foram erguidos com precisão amorosa, essa estrutura de carne, nervos e sangue que se pode chamar simplesmente de vida/vidas.

Valho-me da admiração, do afeto e da camaradagem que nutro por Adélia Nicolete, cultivados antes mesmo do Bernardo nascer, para acreditar em sua aquiescência a esta minha tentativa de decodificar uma tapeçaria, ricamente elaborada por tantas mãos/mães irmanadas pela dor e pelo enfrentamento. Vidas que se colorem de todos os tons, cores e sobretons, de todos os diapásões na medição de algo que as une, que nos une, pelo amor, pela humanidade.

Para além da realidade impactante dos relatos, a forma de contar é que faz deste livro um livro. A opção pela forma de contar é que faz deste livro uma obra artística, literária. Quando a emoção e o talento artístico se juntam, temos uma obra verdadeira como este manto que tem a função inversa à sua etimologia, ao invés de encobrir, revela.

Dalila Teles Veras

primavera/quase verão de 2023.

Meu nome é Daniel e minha mãe me cobriu com seu manto!

Meu nome é Daniel e sou um homem trans e preto brasileiro de quarenta e dois anos de idade. Esta breve apresentação, muito simples, guarda um universo de complexidades e, por isso, peço licença para usar este prefácio um pouco como espaço de depoimento. No final, vai fazer sentido!

Minha mãe é uma pernambucana preta-indígena migrante que, como muitos nordestinos, veio tentar a sorte em São Paulo nos anos setenta. Pouco letrada, trabalhou algum tempo como empregada doméstica e logo encontrou a profissão que nos traria sustento por muitos anos: tornou-se costureira. Casou-se com meu pai branco, metalúrgico paulistano filho de mineiros, e tiveram a mim e à minha irmã. Éramos uma família bem tradicional, seja lá o que quer dizer isso, vivendo na nossa casa na Zona Norte de São Paulo, mais precisamente na Vila Nova Mazzei.

Desde muito criança eu tive duas certezas: de que viria a adquirir uma alta miopia – o que se concretizou – e a de que um dia, talvez, eu trabalhasse com arte de alguma forma, mais

precisamente com dramaturgia. Criança nos anos 80, eu era apaixonado pelas telenovelas e pelos filmes. Meus pais trabalhavam fora o dia todo e eu e minha irmã éramos cuidados pela nossa avó paterna. Depois que chegávamos da escola, fazíamos a lição e limpávamos a casa, era a hora de sentar-se na frente da TV para assistir algum filme ou desenho. À noite, a família oitentista-noventista se reunia diante do aparelho para assistir às telenovelas. Eu amava demais qualquer programa de ficção com uma trama bem contada e desejava fazer parte daquilo de alguma forma. O mais interessante é que, apesar de amar ficção, havia um tipo de programa de não-ficção que me chamava demais a atenção. Para ser específico, era um quadro dentro de um dos maiores programas de auditório do país que me atraía com seu canto de sereia. Era o quadro das “transformistas”, num certo show de calouros. Além disso, outra figura me prendia em frente à TV sempre que aparecia: a belíssima Roberta Close, nos muitos programas de entrevistas em que aparecia como convidada.

Eu então me entendendo como menina, ainda que compulsoriamente, jamais soube explicar por que aquelas pessoas mexiam tanto comigo. Achava engraçado gostar daquelas figuras tão femininas, quando eu mesmo detestava quase tudo que era “feminino”. Adorava jogar futebol no quintal com meu pai, amava quando as pessoas me tratavam como um menino, minhas férias eram viajar para o interior de São Paulo em busca de um dos meus primos, pra gente poder jogar futebol e videogame, coisas que não conseguia fazer com minha irmã. Se eu gostava tanto de ser menino, por que aquelas figuras femininas me atraíam num lugar tão imaterial, etéreo, impalpável? Hoje tenho noção do porquê: era a quebra de paradigmas, era a subversão ao que era forçoso, era o trânsito entre um gênero e outro. Era tudo que estava em mim. E isso ficou mais forte ao descobrir em minha idade adulta que muitas das transformistas que se apresentavam na TV eram mulheres trans e travestis.

Não era o gênero em si que me deslumbrava. Era justamente a negação ao primeiro gênero, aquele que foi imposto e que subjugou toda a complexidade de nossa subjetividade, unicamente por causa de um pedaço tão minúsculo de carne.

Meus pais nunca falaram comigo sobre isso, nunca implicaram nem desencorajaram. Ou o fizeram e eu não percebi, preocupado em viver minha infância e pré-adolescência. Cresci “mulher” com todos os marcadores mais clichês (roupas, acessórios, maquiagem). Sempre sentindo algo errado. Sempre me sentindo um embuste, um erro. Meu pai faleceu em 2003, quando eu tinha vinte e dois anos. A vida foi acontecendo e, em 2014, decidi abandonar algumas mentiras da minha vida. A começar pelo trabalho, um trabalho corporativo que me dava mais tristezas que alegrias. Havia anos eu fazia teatro amador e ia empurrando com a barriga, como dava. A vida deu o ultimato, cobrou sua exigência: se afunde no corporativismo para ganhar algum dinheiro ou mergulhe na arte de vez. A arte é, ao mesmo tempo, sacerdócio e uma amante exigente e ciumenta. Ela exige que você se entregue a ela de corpo e alma. Não dá para fazer teatro duas vezes na semana depois do trabalho, cansado, destruído pelos indicadores e relatórios, consumido pela empresa. Assim, no meu aniversário de trinta e três anos (!), estava na sala de aula, em meu primeiro dia no curso de dramaturgia. De lá pra cá, o resto é história.

O ponto principal aqui é: entrei neste curso como uma “mulher embranquecida” e saí de lá apossado de mim como um homem preto. Aliás, falando em marcadores de raça e gênero, acho importante sempre ressaltar que não há universalidade entre humanos. O processo de colonização nos deu a falsa impressão de que tudo que não é branco, é não-branco e ponto, reduzindo toda a pluralidade racial e cultural de séculos e dos mais diversos lugares a partir da ótica colonial da branquitude. O que não é branquitude é “exótico”, é “diferente”. De igual modo, tudo que não é cis heteronormativo é o “dife-

rente”, o “discordante”. Discordante da lógica da colonização, certamente. Mas branquitudes também têm seu marcador racial. E pessoas cis heteronormativas também tem seus marcadores de gênero e identidade, eles também transicionam a seu modo. A História já mostrou, por exemplo, como a expressão de gênero (as vestimentas, o comportamento, as relações interpessoais) transicionou ao longo dos séculos nos mais diversos cantos dos continentes. É por isso – e isso é só a ponta do Iceberg – que é preciso que pessoas das diversas branquitudes e das mais diversas identidades de gênero (incluindo as cis) travem contato com materiais como este, obras que atravessam as muitas e plurais transições não só das pessoas trans, mas também daquelas que nos rodeiam.

Enfim, voltando da breve digressão: por que compartilho com você esse breve relato de quem fui, quem sou e de onde vim? Porque, em todos esses momentos, minha mãe e minha irmã estiveram junto de mim. Mas não como pessoas estudiosas de todas essas mudanças, não como acadêmicas ou pesquisadoras curiosas sobre os aspectos antropológicos ou epistemológicos do “fenômeno da transgeneridade”, não como mulheres viajadas que travaram contato com muitas culturas e formas de pensar, não como leitoras ávidas de filósofos e pensadores. Eram apenas uma costureira e uma dona de casa estranhando o fato de terem uma pessoa trans dentro de casa. “Que diacho é isso?!”; imagino que elas pensaram. E isso, uma vez abraçado por elas, fez com que, cada uma à sua maneira, elas também transicionassem.

Não estou querendo dizer que foi fácil. Não foi e certamente, ainda hoje, não é tão descomplicado assim. Pelo menos, não neste momento histórico. A luta é para que um dia seja. E não estou dizendo, tampouco, que a transição de uma mãe ou irmã cis seja igual à de uma pessoa trans. Mesmo as transições entre pessoas trans são inúmeras, pessoais e intransferíveis. Mas essa migrante nordestina com pouca leitura e

muita força, de repente, estava mergulhando num mundo de hormonioterapias, mamoplastias masculinizadoras, trocas de guarda-roupas e, claro, troca de pronomes. No começo eu falava do luto da morte de uma filha para o recebimento de um filho, mas, sinceramente, hoje não acredito mais nisso. Acho até um pouco de bobagem. Minha opinião. Não há luto, porque quem eu fui permanece. A mudança de gênero, seja no corpo ou nos documentos, por mais potente e transformadora que seja, não apaga, muito menos mata, quem fui até os trinta e três anos. E posso dizer isso através da relação com essas duas mulheres incríveis, que nunca deixaram de me amar e me respeitam em minha identidade. Ainda sou o mesmo que assistia Cine Trash com minha irmã nas tardes depois da escola. Sou o mesmo com quem minha mãe saía pra brincar no Horto Florestal. Não há luto, porque nunca morri. Apenas me adequei a um corpo que me cabe mais, que me serve mais, que me contempla e completa.

Este prefácio é também um depoimento porque, como dramaturgo, acredito na força da narrativa, sobretudo quando ela é contada por seus protagonistas. E vivo num mundo em que muita gente sequestra nossas narrativas sem nos querer por perto. Agora, imagine meu privilégio quando Adélia Nicolete, uma pessoa que tem minha admiração, entre outras coisas, pelo seu lugar como pensadora e pesquisadora de dramaturgia, me convidou para um café e para um bate papo sobre um projeto que envolvia sua própria narrativa com seu filho trans! E que, ainda por cima, queria meu auxílio! Quer dizer, eu, filho trans de uma mãe cis. Ela, mãe cis de um filho trans. Era o outro lado da moeda. O outro olhar. A outra inquietude, a outra descoberta e o outro regozijo. Me uni à Adélia pelas três coisas mais importantes de minha vida: pela relação mãe-filho, pela transição e pela dramaturgia. Olha como o universo é danado! Fui desenrolando os fios de minhas tramas enquanto ela ia desenrolando os dela. Fomos nos apresentando outras pessoas e reorgani-

zando essas tessituras, enquanto ela ia costurando seu manto (o de tecido), como uma dramaturga costura sua história.

A obra que Adélia nos traz tem um pouco de tudo isso que escrevi até aqui e muito mais. Trata-se de um trabalho pun- gente, tocante e potente, uma obra focada nas mães cis de pes- soas transmasculinas, ou seja, pessoas designadas mulheres ao nascer, mas que se reconhecem em algum espectro da mas- culinidade ou se reconhecem integralmente como homens, ainda que compreendam que não são como homens cis (esses, designados homens desde o nascimento). Você irá mergulhar na experiência de mulheres cis que, à sua maneira, transicio- naram e ainda transicionam com seus filhos. Mais que isso: mulheres que abraçaram seus filhos em um momento tão de- licado e transformador.

Nesta obra, com delicadeza e maestria, Adélia tece uma grande narrativa a partir das pequenas, a partir de retalhos de histórias que vão construindo, como teares habilidosos, um grande manto. Cada mulher que aqui surge é um ponto delicado dessa costura. Desses pontos entrecruzados nasce essa peça com a qual essas mães, a despeito de suas angús- tias, escolheram cobrir seus filhos. Os eventos que nos são descritos criam uma textura única entre momentos de rugo- sidade, como o linho resistindo aos ventos adversos do medo e do reconhecimento dos próprios preconceitos, e outros de suavidade, como seda acariciando a pele da alma no entendi- mento de que abraçar um filho trans e seguir com ele na jor- nada é a melhor escolha que uma mãe pode fazer. E quando a última página é virada, entre depoimentos, citações e tre- chos de um diário, complementados por um segundo livro com fotos do processo de tecelagem do manto-tecido, nos damos conta de que a trama da vida, assim como a do teci- do, é uma obra-prima em constante evolução. Cada capítulo, cada fio, contribui para a beleza única de uma peça que só se apresenta ao final da jornada, ainda assim, incompleta. E não por imperícia de quem a tece, mas justamente pelo entendi-

mento de que a transição é constante movimento. Ela não tem começo definido e certamente não terá fim, deixando semente para os próximos tecelões.

Desejo que essa troca honesta e tão íntegra possa inspirar outras mães e pais de filhos trans a compreenderem um pouco do todo. A transição não tem idade, raça, classe social, momento especial para se apresentar. No fundo, ela sempre esteve lá. Ela vai surgir numa família abastada e em uma família que sobrevive com pouco. Ela vai surgir num lar de acadêmicos e num lar de pessoas com pouco ou nenhum acesso à escola mais básica. Ela vai surgir em uma criança de três anos e em uma pessoa de sessenta – ou mais. E quando isso acontecer, acredite, vai ser sempre mais difícil para a pessoa trans, porque são elas quem têm que arcar com todos os custos das escolhas que farão para se sentirem verdadeiras consigo mesmas. Como já mencionei, a transição é pessoal e intransferível, mas obviamente alcança a todos que estejam em volta de nós. Você é “mãe de uma menina” e, de repente... PÁ! Precisa lidar com seu filho, seu novo pronome, seu novo nome, suas novas roupas, sua nova vida. Entendo que não é fácil, mas alguém te prometeu que a vida ia ser bolinho!? E uma das raríssimas coisas de que tenho certeza é que não há nada mais poderoso do que ver uma mãe passando por cima de todas as suas angústias para estar ao lado de seu filho num momento desses. Isso é quebrar o ciclo de violência. Isso é revolucionário!

Assim sendo, convido você a abrir os olhos e a escuta do coração e se entrelaçar nas tramas deste poético manto da transição ou, antes, neste manto das muitas transições.

*Daniel Veiga**

São Paulo, novembro de 2023.

* Daniel Veiga é roteirista, dramaturgo e ator.



caderno
Reinaldo

Bordar a escrita

Adélia Nicolete

“Mesmo o que estou contando, depois é que eu pude reunir lembrado e verdadeiramente entendido – porque, enquanto coisa assim se ata, a gente sente mais é o que o coração a próprio é: coração bem batendo.”

Grande sertão: veredas – João Guimarães Rosa

É com o coração bem batendo que bordo estas linhas. Um livro é, a seu modo, filho também: sonhamos com ele, depois planejamos, concebemos e, passado o tempo de gestação, entregamos o dito à luz do mundo. Daí deixa de ser nosso e perfaz seu caminho próprio. É nesse dar à luz que me encontro agora, mas antes que tome o rumo de seus olhos e de seu coração, deixe-me falar um pouco sobre ele.

Manto da Transição é livro antigo, bordado a muitas mãos. Começou lá atrás, em 2014, quando nosso filho Bernardo iniciou sua transição de gênero e eu me vi carente de desabafo, de compreensão. A escrita de um diário é refúgio. As páginas de meu caderno registraram silenciosamente assombros, medos e angústias, sonhos, orações. Permitiram que eu elaborasse pensamentos e sentimentos até que, enfim, pudesse agradecer

por todo o aprendizado. As pessoas que acompanharam tudo estão lá, seus nomes inscritos, suas palavras.

Do processo de transição de Bernardo restaram de concreto o diário e algumas peças de roupa difíceis por demais de desapegar. Abrir mão de duas jaquetas que usávamos em comum e ainda me serviam? Me desfazer de alguns vestidos infantis seria como abrir mão de recordações preciosas, que não eram só dele, pertenciam a mim também. Na esperança de inventar destino praqueles panos e papéis, guardei-os todos.

Em alguns anos a transição de gênero masculina ganhou espaço na televisão, no imaginário e nas conversas, ganhou livros e artigos, debates e eu, com aquele acervo guardado só para mim, comecei a matutar. Onde estão as outras mães de homens e meninos trans? Quais os seus tesouros? Como lidaram com o processo de transição dos filhos e de si mesmas? Falei com Bernardo e com o amigo dramaturgo Daniel Veiga, pedi licença a Arthur Bispo do Rosário (o artista sergipano tem uma obra bordada que se chama “Manto da Apresentação”) e, em 2022, criamos o projeto “Manto da Transição” – nome que remete a mãe, a acolhimento e proteção.

A ideia era pesquisar o tema da transexualidade, visitar meu diário e, principalmente, conversar com as mães. A partir desse mergulho, as peças de roupa que eu guardara seriam ressignificadas por meio do bordado e narrativas seriam criadas como registro da experiência de transição vista pelo olhar materno. Uma exposição e um livro dariam notícia da aventura.

Para nossa alegria, o projeto foi contemplado pela Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, via ProAC (Programa de Ações Culturais) no segmento Cidadania Cultural / Cultura LGBTQIA+, o que permitiu a formação de uma grande rede criativa constituída por mães e artistas de áreas diversas.

Manto da Transição é livro bordado a muitas mãos. As narrativas aqui contidas são fruto de entrevistas presenciais, de conversas transmitidas pelo Instagram e de pesquisa em livros e vídeos. É tudo verdade entrelaçada, bordado coletivo – o fio trazido por uma juntou-se à linha de outra; experiências semelhantes foram costuradas numa só; tudo alinhavado pelo meu jeito de contar histórias. Os nomes todos foram trocados por serem confidenciais. Só um é real, o de Bernardo.

Esperem, há um outro nome verdadeiro, Reinaldo, seu apelido, Diadorim. Estão presentes no romance *Grande sertão: veredas*, do mineiro João Guimarães Rosa e designam um personagem “valente como o mais valente” e que pode ser lido como homem trans. Dei, por isso, o título de Reinaldo a este caderno de narrativas em que se borda em ponto corrente trechos do meu diário e relatos de mães; citações de autorias outras, comentários ao longo do percurso e, assim esperamos, um tanto da vivência de quem o tem nas mãos. Coração bem batendo.

"Aos 5 anos de nossa filha comecei um diário só para ela. O objetivo era registrar alguns acontecimentos marcantes de sua vida até mais ou menos os 15 ou 17 anos, quando entregaria o caderno pra que desse continuidade (ou não).

Entreguei. Acredito que não tenha dado continuidade. Talvez a escrita tenha sido mais produtiva para mim mesma do que para ela.

Pensando assim, começo hoje um novo diário.

Dessa vez para registrar o que se passa comigo e com a família nesse processo em que ela se mostra ele."

*(Diário da transição, 25/11/2014,
Ribeirão Pires - São Paulo - Terça-feira - 22h)*

Bruno

Xixoca, pombinha, periquita, mixirica, tudo menos vagina. Acho que essa palavra não existia no dicionário da minha mãe. Nem dicionário tinha! Coitada, ia aprender com quem? A mãe dela, minha avó, teve dezoito filhos. Naquele tempo era assim. Só parou porque meu avô morreu aos 56 anos e ela

* Embora este livro registre narrativas de acolhimento, decidi por manter a menção aos filhos trans masculinos com o pronome "ela" todas as vezes em que os relatos se referissem ao passado, pois entendi que representaria parte do processo de transição da própria família. Mantive também, nesse trecho específico do diário, o verbo "mostrar-se". Hoje, quase dez anos depois, certamente usaria o termo "identificar-se", mais apropriado à identidade de gênero que à sua expressão.

não se casou mais. De madrugada, minha mãe, a mais velha, já estava em pé para preparar o café, depois fazer almoço, bater roupa no rio, preparar a janta e, durante o dia todo, cuidar dos irmãos. Aprendeu a ser mãe aos seis ou sete anos. O que aprendeu bem na vida foi sofrimento, cansaço, colchão molhado e a montanha de roupa pra lavar. Como é que podia me ensinar que o nome era vagina? Oh, meu Deus, mas havia tanta delicadeza em seu modo de cuidar de nós...

Casei virgem. Ninguém tinha nem posto a mão – como minha mãe explicou que devia ser. Meu marido sabia tudo, fez o que tinha que fazer e... não vou dizer que foi bom. Foi estranho. Abri os olhos, depois daquela confusão de sensações e sentimentos novos, o mundo estava igualzinho e me disseram que eu já era mulher. Não vi muita diferença do que eu era antes. Então fui levando a vida. Acho que com toda mulher deve ser meio assim, né?

Quando a criança nasceu, era uma menina. Porque criança nasce menino ou menina, era o que eu sabia. Então repeti a lição: xaninha, pepequinha. E não podia mexer, senão machucava. Mas era colocar vestido e lá estava a criaturinha mexendo naquele lugar, mostrando a calcinha.

“Fecha essa perna, menina!” – meu marido gritava.

E a danada da criatura continuava a arreganhar a perna e a mexer, era criança impossível, lembro hoje e dou risada. Tem um monte de fotografia com a calcinha aparecendo e ela rindo, sem modos. Hoje eu me pergunto: por que eu teimava em colocar vestido se ela não ficava à vontade? Se teimava em mexer nas roupas e nas ferramentas do pai, em dizer que era meu namorado? Se queria era brincar com caminhãozinho na terra, jogar bola e ficar sem camisa como os meninos da rua? É porque o que eu sabia do mundo era o que minha mãe tinha me ensinado. E ela sabia tão pouco, coitada!

Um dia, o Luiz Carlos, filho pequeno da vizinha, deu de andar pelado no quintal da frente. Uma cerca de bambu dividia os dois terrenos e dava pra ver tudinho que se passava por lá.

“O que é aquilo, mãe?”

“Aquilo o quê?”

“Aquilo, pendurado no Luizinho!”

O que que eu ia responder? Disse que ele era menino, por isso tinha aquilo – um pipi.

“Eu também sou menino, mãe! Então por que é que eu tenho pepeca?”

Eu caí do céu naquela hora, caí de cara no chão de tanto espanto. Olhei praquele pedacinho de gente e me deu um aperto tão doído no coração que respondi a primeira coisa que me veio à cabeça: que ela era menina, que nem eu. Que nem as primas. Que nem a tia do pré. Mas ela insistiu. Cinco anos e havia tanta certeza nas suas palavras! A força da verdade que ela trazia me assustou.

O que fazer, o que dizer? Logo eu, que não sabia nada... Quem me ajudou foi a pediatra do Pronto Socorro. Expliou que ter vagina não garante que a pessoa seja mulher. A gente precisa saber o que a pessoa sente, o que ela é por dentro. Conversou bastante com o Bruno – o nome dele agora é Bruno –, chamou outros médicos, encaminhou tudo. Foi uma mãe pra mim.

O dia em que ela me chamou e disse com firmeza que a criança era um menino, me deu que nem um tremor. A força da verdade, né? Então abracei forte meu filho, o coraçãozinho dele batia compassado com o meu. Era a mesma pessoa que carreguei no ventre, que chorei quando abriu os olhos pela primeira vez, que causou dor e alegria quando sugou leite dos meus peitos! Era a mesma pessoa, mas não era, mas era! Quanto aprendi com ele de lá para cá. Seis anos faz. Antes eu

não sabia, agora eu sei e ajudo outras mulheres no que posso. O que minha mãe não poderia ensinar, aquela criaturinha, aos poucos, foi que me ensinou.

“Nos encontramos em Santo André e fomos ao oftalmo ver nova receita de óculos para L. Silêncio. Não há muito que conversar. Não quero ficar fazendo perguntas.

Depois fomos comer um lanche na Praça do Carmo, ali ao lado.

L. estava de camisa, colete e chapéu – um homem. Estava séria.

Olhava para ela e meu coração ficava apertado demais.

Nos despedimos na frente da C+A e ela tomou o rumo da estação. Acompanhei com os olhos até que sumiu. Quanto tem sofrido? Pelo que tem passado e não me diz?

Como deve ser doloroso esse processo!

Não aguentei. Encostei na parede da Tecidos Mauá e comecei a chorar. O peito doía.

Uma mulher parou e perguntou o que tinha acontecido, se eu precisava de ajuda.

Eu só chorava.

Ela me abraçou.”

*(Diário da transição, 13/02/2015.
Ribeirão Pires – São Paulo – Sexta-feira – 23h)*

Jonathan



A gente aprende que mãe é que ensina os filhos, né? Mas será? Tenho aprendido cada lição com o Jonathan!

Criei filha sozinha, sem marido, com salário de professora, às vezes trabalhando em três períodos. Sempre disse pra minha filha: tem de ser muito macho pra me acompanhar, se não for, fica pelo caminho enquanto vou em frente! Trabalho desde menina, resolvo, faço, sou assim! Três maridos ficaram para trás. Eu achava que o segredo da vida era enfrentar, tudo ao mesmo tempo agora, sem pausa e o resto vinha. Mentira, viver é mais que isso.

Um dia minha filha, única, veio e disse que estava namorando uma menina.

“Eu conheço?” – perguntei.

“Não. É amiga de uma amiga.”

“Ela gosta de você? Te trata bem?”

“Sim.”

“Então é o que interessa.”

Achei normal. Eu tinha tido um rolo com uma colega tempos atrás. Não comentei com ninguém, mas é só pra dizer que não achava um bicho de sete cabeças. Concordei com o namoro e segui em frente.

Eu chegava do trabalho e ela estava no computador, fechada no quarto – mas todo mundo nessa idade é meio assim, né? Percebia que ela estava triste. Tinha mudado o nome do facebook pra Jota. Postava umas fotos diferentes, com umas frases depressivas. Igualzinho aos meus alunos, pensei. Normal. Perguntava o que estava acontecendo e ela nada, a vida seguindo. Olhando pra trás agora, vejo que o que pegou fundo foi eu

não ter percebido, não ter acompanhado, não estar junto. Por que não dei importância aos sinais?! A cabeça raspada, as roupas de homem, o olhar que desviava do meu...

Um dia ela apareceu com uma marca no braço, um corte. O sangue ficou gelado. Era final de ano: provas pra corrigir, notas pra entregar, sem companheiro pra dividir as contas e os tratos da vida. Minha filha deitada na cama, olhão parado e aquele risco na pele.

“Oi, filha. Mãe chegou.” – e o risco lá.

“Tá tudo bem, filha?”

E o risco gritando “Não, não tá tudo bem!”

“O que aconteceu no seu braço?...” – o coração trincando com medo da resposta.

O corpo que ela via no espelho não era o dela, falou. Aquilo era um sonho que esmagava, um pesadelo que tirava o ar, e ela precisava acordar – disse sem alterar a voz, sem choro, como se o sangue todo tivesse escorrido pelo corte e ela estivesse fria, a alma em outro lugar. Me quebrei toda ali, inteira, mas nem o meu choro tirou a minha menina daquele estado.

Acho que foi aquele grito mudo que me acordou. Porque quando a criança tem febre, a gente cuida. Se quebra um braço, a gente põe a tala. Dor de barriga, a gente faz um chá. Mas dor da alma a gente não pega, não vê, só sente quem é a dona da dor. Agora havia um corte no braço. Acordei. Ali começou a transição para mim.

“Tudo é amadurecer e então parir. Permitir que cada impressão, cada semente de um sentimento se aperfeiçoe em si mesmo, na escuridão, no invisível, no inconsciente, naquilo que é inalcançável para a própria razão, para aguardar com humil-

dade e paciência a hora do nascimento de uma nova clareza: isso significa viver de forma artística: tanto no compreender quanto no criar. Aqui não existe medição de tempo, não há ano e dez anos são nada. Ser artista significa: não computar nem contar; amadurecer como a árvore, que não pressiona sua seiva e que enfrenta as tempestades da primavera confiante e sem medo de que o verão virá. Ele virá. Mas ele só virá para os pacientes, que estão aqui como se a eternidade os esperasse, sem preocupação na calada da vastidão. Eu aprendo diariamente, aprendo sob dores, às quais sou grato: Paciência é tudo!”

(Cartas a um jovem poeta – Rainer Maria Rilke)

Gabriel



Desde que o Gabriel entrou em processo de transição tenho vivido um dia de cada vez. Em cada dia uma lição anotada no diário. Além da terapia, esse exercício tem me feito bem, escrever me fortalece. Eu registro os acontecimentos e o que se passa dentro de mim, escrevo poemas também. É uma forma de autocuidado. Às vezes, leio coisas antigas e penso: “poxa, que barra você enfrentou, hein, Kathy? Você foi corajosa!” Porque ter empatia com as outras pessoas é até comum, ou deveria ser, mas ser empática com a gente mesma é um aprendizado. A gente é condicionada a se cobrar, a se exigir cada vez mais; então, dar um tapinha nas próprias costas de vez em quando é importante, sabe? Lembrar de que se já tivemos coragem uma vez, ela está lá para quando precisarmos de novo. E ser mãe de trans requer muita coragem.

Gabriel começou a transição recentemente, mas desde o começo da adolescência já apresentava desconforto com relação a si mesmo, se sentia incomodado, mas não sabia nomear. E eu acho curioso como a gente, morando numa cidade grande, com uma porção de contatos, nunca relacionou aquele desconforto com a transexualidade. Foi um enfrentamento longo, um trampo enorme até encontrar um nome para aquilo. E quando a pessoa encontra o nome para o que sente não quer dizer que vai ser fácil, porque aí vêm os outros enfrentamentos: a insegurança, a inadequação aos padrões, o medo da reação alheia, o preconceito, a transfobia. Gabriel se identificar como homem foi um primeiro grande passo, aí vem todo um trabalho de reconstrução.

Pensa comigo: a gente se construiu como mulher. Bem, primeiro nos disseram que a gente era mulher e, por sorte, a gente se sentiu confortável. Aí foi montar guarda-roupa, pele, cabelo, maquiagem, depilação, dieta, redução, implante, hormônio e vida que segue. Pra eles é igualzinho. Precisam se construir, tomar decisões e isso deve ser uma barra pra lá de grande. Que modelos de homem estão disponíveis? Que tipo de homem eu quero ser? Olha... não é fácil. E ainda que a gente esteja junto, a parada é só deles.

Tanto que Gabriel quis desistir por duas vezes. Mandou mensagens pra todo mundo e no dia seguinte tomou um tanto de remédios. Ou seja, o recado é esse: “Estou em mudança, galera! Estou morrendo pro que eu conhecia! Socorro! O que é que vem pela frente?” Da última vez, não tive coragem nem força suficientes pra nós dois e ele precisou ser internado. Foi uma experiência pra lá de marcante e a escrita estava ali, presente: trocamos cartas durante os vinte e oito dias de internação. Pá pá pá pá pá! Muita reflexão, muito texto. Vomitamos tinta no papel. Pra não enlouquecer de vez.

Eu escrevia e arrumava o quarto pro retorno dele. Pinteí parede, troquei decoração, mudei os móveis de lugar. Um novo

filho ia chegar, não é? Merecia um quarto novo. Aos poucos a nuvem escura foi se dissipando e, ao voltar, Gabriel parecia ter se aninhado de novo na casa e dentro de si. Para mim foi como um vaso de que gostamos: a flor despetala, as folhas caem, pensamos que vai perecer, mas, no seu tempo e com o nosso cuidado, um broto aparece e a vida recomeça, com força. Recomeçamos.

E assim tem sido. Um dia de cada vez, minha amiga. Cuidando do outro, mas lembrando de cuidar da gente também. É por isso que eu escrevo.

"Dia de consulta com dr. Luiz Carlos. Ele sempre começa perguntando como a gente está. Aproveitei para desabafar o quanto pude. Ficou me olhando daquele jeito dele, parado, que não mostra o que está pensando.

Quando terminei, ele disse: "sabe por que os cotovelos fecham para dentro? É para a gente acolher." Acolha sua filha porque o mundo lá fora não vai fazer isso."

*(Diário da transição, 08/01/2015,
Ribeirão Pires - São Paulo - Quinta-feira - 23h15)*

Cauê



Engraçado, falar em transição sempre me lembra o trem. Acho que é porque a gente é do ABC paulista e a maioria das cidades ainda é servida pela estrada de ferro. Sempre gosta-

mos de ir a São Paulo de trem, às vezes a família toda, numa linha reta, sem os congestionamentos da via Anchieta. Nossas crianças corriam pra sentar na janelinha e perguntar o nome das estações, reconhecê-las, pois anunciavam o trajeto, informavam se estávamos longe ou perto do destino. Logo que entraram pra escola, um por vez, adoravam ler as placas e notar a admiração que causavam nos outros passageiros.

Quando Cauê, nosso filho mais novo, começou a falar em transição, aos 17 anos, a confusão de sentimentos que vivi precisando ser ordenada, enfileirada, me fez lembrar daquelas viagens de trem. Cada estação tem o nome da cidade ou do bairro; cada uma tem seu jeito, sua feição. Havia um trem rodando dentro de mim e ele transitava pelo Medo, pelo Susto, pela Ansiedade... ih... tantas outras Aflições. Elas podem parecer iguais, vistas de longe – como as estações – mas de perto, ali no sentir, são bem diferentes. O Medo a gente sente aqui, na boca do estômago e umas vezes gela, outras, arrepia. O Susto acelera o peito, suspende a respiração. A Ansiedade tira o sono, dá falta de ar. A Aflição coloca a gente num corre-corre danado, dentro e fora. E tem a Angústia, que aperta o peito; a Tristeza, que faz o corpo arquear e os olhos se enchem d'água. É assim que vejo a vida.

Tudo tem nome e feição. E se a gente dá o tempo de parar em cada uma, em cada estação, antes de seguir para a próxima, a gente aprende a ver melhor, de perto, a conhecer. Um dia de cada vez, como pede a Paciência, respirando fundo pra chamar a Coragem. Seguimos olhando sempre pra frente, com Confiança; respeitando a dor do Outro e exercitando a Compreensão. Aos poucos, o que era estranho e incômodo, o que era dolorido cede lugar ao conhecido, ao cotidiano, graças à nossa Resiliência. Quer dizer, se a gente aprender a dar nome aos sentimentos, cada um no seu tempo, a família toda faz a transição, a travessia. E o trem segue nos trilhos do Amor.

"Exausta da viagem, mas não posso deixar de registrar a conversa com dona A., mãe do D.

Eu estava apreensiva, pois tudo foi arranjado pelos filhos e eu não sabia direito se ela queria falar sobre a transição do D., como iria reagir. Bobagem, porque foi uma conversa entre duas mães, como se nos conhecêssemos há anos!

Ela me contou sobre sua vida e eu vi tanta coisa em comum com a trajetória da minha sogra, dos meus pais! Uma mulher migrante, que veio tentar a vida em São Paulo e, ao se construir como pessoa, ajudou a cidade a se desenvolver.

(...)

No fim, sai de lá com o convite para um churrasco e quantas visitas quiser."

*(Diário pessoal, 26/08/2023,
Caçapava – São Paulo – Sábado – 23h50)*

Rafael



Com 24 anos saí da minha terra, Pernambuco, e tomei o rumo de São Paulo em busca de uma vida melhor. Larguei tudo pra trás: casa, família, amigos. Botei meia dúzia de coisas na bolsa e vim morar com minha irmã, que naquela altura já estava casada e morando na Água Rasa com marido e filho. Vim com emprego garantido na fábrica – nunca trabalhei de doméstica, sempre fábrica. De uma passava pra outra. Era

tempo de emprego à vontade pra quem sabia trabalhar e eu produzia mais que muito homem!

Foi numa fábrica que conheci o pai das minhas filhas. Ele tinha feito travessia igual, lá do sertão pra São Paulo. A gente se olhou, se gostou e o destino era casar, né? Nunca ninguém me perguntou se eu queria ou não. Nem eu. Cresci menina, moça, mulher. Ninguém perguntava, ninguém se questionava naquele tempo. Era isso e pronto: crescer, casar, parir. Hoje não, graças a Deus! Hoje a moça pode estudar, ter uma profissão e só depois casar e ter filhos. Mas só se quiser. No meu caso eu não tinha querer.

Casei e tivemos duas meninas. A gente achava que era, né? Mas sabe que meu marido, que não tinha instrução, mas tinha a sabedoria lá dele, já entendia que o Rafa era um menino? Gostava de ficar sem camisa, jogar bola, fubeca, brincar de carrinho. E adorava ficar, pra cima e pra baixo, capanga do pai. Os dois se entendiam melhor que um monte de pai e filho que eu conhecia. A outra filha, mais nova, não. Gostava de boneca, de casinha, ficava mais grudada em mim.

Olha essa foto aqui. Ele sempre teve essa carinha de menino. Só eu não via! É que eu sou cabeça dura demais! Até hoje. Colocava vestido nele e ele não gostava. Fazia trança e ele escondia no boné. Levava na loja, ia direto pra sessão dos meninos. Precisava de ver! E era um sofrimento se diziam pra ele se comportar como uma menina. Sabe o que eu acho? Criança não devia ter sexo definido. Devia poder brincar de tudo. Meus netos meninos brincam de boneca. Minhas netas ganharam um bugue e dirigem no condomínio, precisa ver. É isso que o mundo precisava entender!

Bom, aí o Rafa decidiu estudar teatro. A escola era longe, de modo que a gente pouco se via. Não demorou, as coisas começaram a mudar. Voltou diferente, cabelo cortado. Cada vez que vinha, dava um sinal pra gente que as coisas estavam mudando, e

eu só olhava, sem entender direito. Um dia, pediu pra gente sentar que ele tinha uma coisa pra dizer. E disse: pediu que daquele dia em diante ele queria ser chamado de Rafael. A gente podia continuar chamando de Rafa, mas o nome era Rafael.

Fiquei feito boba, mas vi como o olho dele brilhava, a gente via que estava mais feliz. Meu velho balançou a cabeça e piscou pra mim com uma metade de sorriso, como se dissesse: “eu não falei que era menino?” De noite, na cama, demos a dormir. A luz ficou acesa até mais tarde. Era muita informação tentando entrar na minha cabeça dura. Chorei baixinho de medo. Puro medo de que aquele mundo que ele mostrava pra nós fosse bruto com ele, por ele ser quem é. Meu marido percebeu, era o medo que ele também sentia. Então me abraçou e falou palavras de sabedoria:

“Minha preta, a gente fez a nossa travessia. Tivemos coragem. Rafael puxou a nós. Agora é a vez dele.”

“Nos falamos no ano novo. Ele ligou de seu apartamento em São Paulo.

Já escrevi isso.

Não sei se já escrevi esse outro isso, mas às vezes penso que Bernardo está viajando para outro país. Como o Thomás quando foi para a Alemanha e deixamos que ele vivesse sua vida, dando-nos espaço para viver a nossa.

Thomás teve problemas e resolveu, de um jeito ou de outro. O mesmo vai se dar com o Bê. Estaremos aqui, diferentes também.”

*(Diário da transição, 06/01/2016,
Ribeirão Pires – São Paulo – Quarta-feira – 13h)*

Benjamin

É preciso ter coragem pra enfrentar o senso comum, aquilo que é imposto pra gente como verdade, sabe? Lembra das aulas de História, quando a gente aprendia que o Brasil tinha sido “descoberto” em 1500? Uma civilização avançadíssima já existia nas Américas, mas foi Colombo quem “descobriu” o continente, oito anos antes, diziam. A África também foi apresentada pra gente na escola como um lugar primitivo, selvagem. Hoje sabemos que nada disso era verdade. A História está sendo reconhecida pelos povos originários, pelos povos africanos, pelas mulheres, pelas minorias. E eu penso que nós, mães de transexuais, podemos e devemos recontar a nossa própria história, a história dos nossos filhos e das nossas filhas. Recontar de um jeito que nos salve a todes do peso, da culpa, da tristeza.

Eu sempre me pergunto “que narrativa eu quero pra minha vida? Que ponto de vista eu quero usar?” O que eu escolho é o da alegria. Sempre. Não sei. Sou assim: pra mim, só a alegria salva.

Então começo por dizer pra todo mundo, e até para mim, que desde que o Benjamin estava na minha barriga eu já sabia que seria um menino. Não importavam simpatias, adivinhações, ultrassom. Não importavam os astros, as previsões, nada! Ele mandou seu recado foi de coração pra coração: “mãe, sou menino, confia em mim!” Ouvi, entendi. Firmei um trato com ele! Nem roupinha cor de rosa comprei. Daí que quando nasceu e o médico me mostrou anunciando uma menina, eu fiquei na minha, mas o moleque, ah!, berrou em protesto. Nunca viram criança com um fôlego daquele! E quando soube que foi registrado com nome de menina, tocou o terror no berçário e foi aquela sinfonia a madrugada toda!

Benjamin cresceu e aconteceu, como estava escrito. Laço de fita? Arrancava. Vestido de babado? Voltava imundo da festa. Boneca? Trocava fácil, fácil, por um robô. Nas brincadeiras de casinha, ele era o papai, o bombeiro, o senhor Abóbora!

Foi pra escola e trocou a saia do uniforme pelo bermudão – era mais prático na hora de jogar bola. “Uma cigarra!” gritavam as meninas, com medo. Benjamin pegava o bicho com a mão. Era forte, corajoso e bem-educado – um príncipe disfarçado! Porém, e sempre tem um porém, começou a causar rebuliço na sala de aula: fazia muitas perguntas e provocava outras tantas. Dedos apontavam em sua direção como alguém que trazia algo novo e o novo por vezes atrai, por vezes assusta. Os assustados estavam em maioria e Benjamin foi levar a novidade para outra escola.

Chegou por lá na época em que o corpo se modificava e o rebuliço agora era por dentro. Sabia que era um rapaz, se sentia como um rapaz, mas o corpo, pelo menos a parte exterior do corpo, parecia ter vontade própria e seguir pro lado contrário – como nos números de circo! Era esperto, então usava camisas e calças largas pra disfarçar aquelas formas que não eram as dele. E acreditam que um dia apareceu com a cabeça raspada? Tinham apostado uma pizza como ele não teria coragem de cortar o cabelão. Pois provou que tinha e pediu uma redonda das grandes. Comeu inteira! Nessa altura, quem tinha apostado, lá no começo da história, que ele não era menino, começou a reconhecer que tinha se enganado. Era menino, sim! Era Benjamin!

Aos 18 anos, finalmente não precisou trocar os presentes! Ganhou barbeador, desodorante e perfume de homem, chinelo folgado, mochilão, boné. Mas o que fez mais sucesso foi o escudo que ganhou, o manto da invisibilidade: um *bindar*! Sabe aquelas faixas para ocultar os seios? Pois foi vestir e sair pulando de alegria!

Hoje aquele menino que morou na minha barriga está na faculdade. Aquele fôlego todo na hora do parto foi treino pra ser o cantor que é. Faz música, faz poesia, faz até palhaçaria. Encontrou sua tribo e não tem medo de dizer quem é: Benjamin, um grande homem! E, no que depender da minha capacidade de contar histórias, vamos viver felizes para sempre!

(Assim como minha mãe guardou roupinhas da minha infância, guardei algumas roupas do Bernardo. Cada peça tem sua importância, seja pela pessoa que costurou, que bordou, por um evento ou fase marcantes. Fiquei com pena de dar embora. Guardei porque fazem parte do nosso passado, contam um pouco da nossa história, quem nós somos.

No começo eu me preocupava se não estaria sendo resistente à transição do Bernardo, mas ele nunca se mostrou incomodado com isso. Ao contrário, me ensinou que o passado está lá – aquela criança que usava os vestidos não morreu. Não precisamos falar em perda, em luto. Nem apagar o passado. Nós podemos conversar sobre tudo que vivemos, rir, chorar, agradecer. É só pensar que aquela criança já era o Bernardo. O olhar, o sorriso, o abraço bom – era o Bernardo!

“Bê, como você era arteiro! Lembra daquela vez que você sumiu e a gente gritava Bernardo! Bernardo! e nada de você aparecer? Buscamos pela casa toda, pela rua, pelo bairro. Até a polícia nós chamamos! É um menino assim assim, eu falei pra moça. Todos ficaram em alerta – você era um menino muito querido! Até que seu pai resolveu procurar no sótão e te encontrou! Tinha subido sem falar pra ninguém e estava com

medo de levar bronca! Mas o que você ganhou foi um abraço aliviado, não é? E quando desceu pela escada, todo mundo aplaudiu e comemorou: Bernardo! Bernardo! Bernardo!” O nome dele não era esse ainda, mas a história sim!)

“Bernardo chegou logo cedo e nos encontramos na estação. Nem passou em casa. Veio buscar a nova certidão de nascimento no cartório. Eu estava com medo de que alguma coisa desse errado, que alguém implicasse, mas ele disse que era garantido por lei e não haveria problema. Não houve mesmo. Um grande passo.

Uma vitória no meio de tanta treta.

Deu tudo certo e fomos comemorar com um lanche no Big Burger.”

*(Diário pessoal, 16/04/2018,
Ribeirão Pires – São Paulo – Segunda-feira – 22h15)*

“A liberdade é um túnel que se cava com as mãos.

A liberdade é uma porta de saída.

A liberdade – como esse novo nome pelo qual vocês agora me chamam, ou esse rosto vagamente hirsuto que veem diante de si – é algo que se fabrica”

(Eu sou o monstro que vos fala –

Paul B. Preciado)

Lourenço

Mana, tem muito amor envolvido, sim. Mas não vou te dizer que é fácil...

A gente é diferente, desconstruída. A gente é da esquerda mais esquerda. Liberada, antenada, pós-graduada, da pá virada. A gente faz e acontece, cria caso, inventa moda, roda a baiana, bota pra quebrar. A gente é foda! Mas com filho a gente se desmancha.

A transição acontece, mas na hora de se desfazer das coisas, mana... a gente se quebra em pedacinhos. Aquelas roupinhas, vestidos, lacinhos, sapatos, brinquedos, fotografias... tudo indo embora, sendo escondido no fundo mais fundo do armário, porque agora é menino. Olha... Eu não imaginava. A sensação que eu tive foi de me rasgarem e arrancarem um pedaço. Cadê a diferente nessa hora? Sumiu! Parecia que passavam uma borracha na minha história. Sabe aquelas fotos rasgadas em que falta alguém? Pois é...

Eu acordava no meio da noite em prantos, feito criança com pesadelo, sabe? Boca seca, coração disparado. Sentia saudade, queria que fosse tudo brincadeira, mentira. Lia tudo que aparecesse, busquei vídeo na internet, ninguém nunca tinha falado sobre isso, sobre as coisas que transacionam junto com o filho – o vestuário, a louça, a mobília, os cheiros. O choro. Eu só chorava. Até que um dia caiu uma ficha enorme: a gente precisa passar uma borracha, sim! Precisa rasgar fotografias antigas, sim! Porque fizeram uma grande sacanagem com a gente! Foram séculos de adestramento, de imposição de padrões, mana! Séculos de caixinhas. Caixinhas não, baias! Era preciso ficar na sua baia e, quando a porta abrisse, sair correndo e cumprir o que tinham determinado pra você, percebe?

Séculos ouvindo que homem é quem tem piroca e mulher é quem tem pepeca, que só a relação entre esses dois é a certa. E quem está fora desse esquemão é doido, é pecador, é bicho de sete cabeças! Séculos de pecado e de culpa, de ser taxada de maluca por pensar diferente!

Minha criança não era uma menina, ponto! Nunca foi, simples assim! Nós é que rotulamos e fizemos de tudo pra ela caber naquele molde, sem questionar. Agora era preciso rasgar o molde, botar fogo nele. Incendiárias! Descosturar os vestidos cor de rosa; desmanchar as tiaras de princesa; mandar vazar os mandamentos, os dogmas, tudo! E nada de enfiar no fundo mais fundo dos armários, amiga! Eles não queimam livros? Nós queimamos os conceitos e preconceitos: homem ou mulher, menino ou menina, branco ou preto, norte ou sul. Tá aqui o isqueiro. Bora queimar tudo!

Porra, naquela hora em que a ficha caiu, mana, eu parei de chorar. Juro. Porque estava chorando só por mim, pelo meu umbigo latejante do parto novo. Pro inferno o nosso umbigo! Nossos filhos trans nos colocaram de novo na guerrilha! Na luta por respeito, por segurança e garantia de existência digna, por uma legislação efetiva, um atendimento público de qualidade em todas as etapas da transição, na grita por trabalho. Eles vieram anunciar a revolução! Nossos Diadorins nos colocaram no século 21, mana! Bora!

"L. veio para casa logo na sexta-feira à noite, de cabeça praticamente raspada.

Conversamos um bocadinho os três e, de tudo o que eu havia planejado falar no final de semana, pouco se deu. Há um descompasso entre o ritmo dela e o nosso, ou seja, nós ficamos pensando e ela vive. Por isso tem pouca paciência com a gente.

Às vezes eu penso que é como você trabalhar em um escritório há anos e o sistema operacional mudar de uma hora pra outra. Não tem ninguém pra te orientar e o trabalho precisa ser feito. Você tem de correr atrás, aprender, se virar se não quiser perder o emprego.

Estou assim. Absolutamente perdida.”

*(Diário da transição, 14/12/2014,
Ribeirão Pires – São Paulo – Domingo – 23h30)*

“Quando noviça, eu pensava muito na minha gente.

Sabia que não ia voltar, mas continuava pensando com tanta força.

Como quando se tira um vestido velho do baú, um vestido que não é para usar, só para olhar. Só para ver como ele era. Depois a gente dobra de novo e guarda, mas não se cogita em jogar fora ou dar. Acho que saudade é isso.”

(As meninas – Lygia Fagundes Telles)

Chico

Não sei... Não digo que parei no tempo... acho que o tempo é que se demora dentro de mim. Tem gente com digestão lenta, não tem? Eu sou meio assim com as mudanças: demoro um tempo pra digerir. Quem me conhece sabe do que estou falando. Tenho fé em Deus que no fim tudo sempre dá certo.

Quando eu era pequena, morava no Rudge Ramos, em São Bernardo do Campo, bem perto da avenida Caminho do Mar. Minha mãe me levava à escola de mãos dadas, preocupada com a travessia da avenida. Só aos dez anos aquilo começou a me incomodar. Meus colegas iam sozinhos desde pequenos e me viam chegar de mãos dadas com minha mãe. Um dia tomei coragem e disse a ela que não queria mais que me levasse, que iria bem sozinha. Ela propôs um acordo: atravessaríamos juntas a avenida e depois eu seguiria. Ela ficaria apenas me olhando até eu chegar na escola. Trato feito, me lembro até hoje da sensação de independência, apesar dos olhos vigilantes nas minhas costas.

Pois aqueles olhos me acompanharam a vida toda, zelaram por mim. Aquelas mãos sempre estiveram disponíveis para o afeto, o apoio, o amparo.

Décadas depois, fui eu que segurei a mão de minha mãe. Levei a médicos, a hospitais, cuidei dela noite e dia. Até chegar a sua vez de pedir que a deixasse seguir sozinha, sob meus olhos vigilantes e afetuosos.

Minha mãe não acompanhou a transição do Chico. Eu estava só. Precisava e queria dar a mão ao meu filho, mas ele escapava. Dizia que não podia me esperar entender, estava atrasado, perdera tempo demais vivendo uma vida que não era a dele. Eu compreendia, mas me sentia perdida. Primeiro achava que a culpa era minha: tinha sofrido um acidente de carro durante a gravidez. Disseram que um susto muito grande, um trauma, podia afetar o sexo da criança. Quanto eu chorei pensando naquilo! Depois achei que eram as companhias da faculdade; achei que era moda, que ele iria mudar de ideia, que era passageiro; achei que era um pesadelo. Eu só queria entender, ajudar ele a tirar aquilo da cabeça e voltar a ser a minha filha querida de sempre. Aos poucos fui percebendo que quanto mais eu pensava assim, mais ele se afastava e eu não podia perder meu filho!

Percebi então que, para tê-lo por perto, precisava desistir de querer entender, de querer controlar. Quanto mais eu buscava uma explicação, mais eu me afastava dele. Ah, se alguém pudesse pegar a minha mão!

Decidi visitar a basílica de Aparecida. Tomei o ônibus e fui. Rezar, pedir, cantar, acender velas, era tudo válido naquela hora, naquele desespero. A igreja estava lotada. Gente de todas as idades, de todos os lugares, de todas as cores; ricos e pobres, sadios e doentes juntos, congregados. No meio da missa foi me dando uma coisa! Meu corpo, não eu, se levantou e foi até uma das capelas. Deitou-se de bruços no chão e se prostrei diante da imagem. O chão gelado. Rosto encostado onde todos pisavam, os cânticos da missa entoados pela multidão. “Não sei o que fazer e não tenho mais forças para sustentar meu filho, mãe!” – meu coração falou. “Coloco meu menino em seus braços! Desisto de entender, de controlar, de querer mudar. Sozinha eu não posso. Agora ele é seu. Confio em vós.” Chorei o quanto tinha pra chorar e me levantei, inteira de novo. Olhei pra ela e senti, lá bem fundo no peito, que tinha aceitado o Chico, tomaria conta dele.

Foi como uma chuva, dessas fortes, que lavou minha alma. Senti que ela assumiria o encargo de mãe e eu poderia me ocupar de compreender meu filho, ser sua amiga, confiar que caminharíamos juntos por estradas diferentes. E assim tem sido.

Outro dia voltei lá, pois Nossa Senhora tinha cumprido a promessa e eu queria agradecer. Sabe o que mais me emocionou dessa vez? Você até vai rir de mim. Foi na área dos banheiros! Acredita que tem banheiro unissex na basílica? Nossa Senhora não pegou só o meu filho no colo, não! Ela pegou todo mundo!

(A conversa com dona L. me tocou profundamente, talvez pela ligação de toda a minha família

com Aparecida. Meus avós já frequentavam a cidade no início do século passado, assim como meus pais. Fui batizada lá, na igreja antiga e mantive a devoção a Nossa Senhora. Mas o que mais me impressionou no relato foi a coincidência: eu também visitei a basílica quando Bernardo iniciou o processo de transição e, assim como dona L., pedi proteção para o meu filho. Mas aquela mãe foi mais longe que eu ao prostrar-se no chão diante do Mistério. Deve ter comovido a santa, como me comoveu.)

Nicky



Meu companheiro e eu somos budistas – nos conhecemos numa reunião do grupo, há uns dez anos. Conversávamos bastante e as vivências em comum aos poucos nos aproximaram: ele tinha duas crianças designadas como meninas, estava saindo de um casamento e eu tinha acabado de sair de um relacionamento homoafetivo. Olha como são as coisas, anos depois a pessoa com quem eu me relacionava se identificou como homem trans! Eu nunca poderia imaginar! Nenhum de nós imaginava! Ele era alguém adorável, que sofria com uma porção de conflitos internos, no entanto nunca pensamos em transexualidade. É muito louco! Falta de informação, de repertório, ou melhor, falta de divulgação, de visibilização! Foi só a atual namorada que percebeu e cantou a bola: “Tu tá assim porque tu não é mulher, tu é homem!” Pá! Falou e disse. A roupa, o cabelo, o jeito, o olhar mudaram! Precisa ver como o cara tá feliz agora!

Eu digo isso porque com o Nicky, meu enteado caçula, parece que foi mais fácil. Já havia mais informações, mais re-

ferências e ele começou a se identificar como homem mais cedo. Não precisou viver tantas crises, esperar tanto tempo! E como meu companheiro e eu estávamos mais atentos, percebemos logo de cara e demos todo o apoio possível. Havia uma preocupação com a escola, há muitos relatos de bullying, intimidação, cancelamento, mas até o momento parece tranquilo. É bonito ver quando a moçada está aberta à diversidade. Pelo que ele conta, praticamente todo mundo acolheu “de boas”, chama pelo nome que ele escolheu, usa o gênero correto na hora de falar. E com esse acolhimento, Nicky desabrochou. Da criança tímida, retraída, brotou um jovem de opinião e que se faz ouvir. Bacana demais isso, porque evita angústia dele e nossa. Nicky pode viver o processo com calma, no tempo dele e nós estamos aqui pra dar o nosso carinho e pra atender as demandas conforme elas aparecerem: terapia, hormonização, cirurgia – quando e se ele quiser –, retificação dos documentos e tudo mais.

Eu colaboro como posso, tentando não ultrapassar limites. Acho que o meu papel como madrastra é ficar ali, atenta, sem tomar a frente, até porque ele ainda mora com a mãe. Então, quando ele vem em casa, procuro conversar, ouvir, fortalecê-lo para os enfrentamentos que ele tiver lá fora, e o tempo todo procuramos firmar o pensamento pra que ele seja feliz. E, no que depender de nós, ele será!

“Na hora de apagar as velinhas, como em muitos outros de meus aniversários, concentrei-me no mesmo pedido: “Quero ser um menino como os outros.”

(Viagem solitária – João W. Nery)

Lucca



Eu não sigo religião, mas acredito no Mistério. Ele se manifesta de muitas formas. A gente só precisa estar atenta porque o recado vem. Sonhos, por exemplo. Lembro de um que virou a chave dentro da minha cabeça. Foi logo no começo da transição do Lucca. Eu me sentia solitária naquele processo, perdida, porque precisava entender tudo aquilo primeiro pra depois poder conversar com alguém. Então eu vivia pedindo ajuda ao Universo, um sinalzinho que fosse e ficava alerta. Foi quando tive um sonho. Um barato isso: a gente fica se perguntando, procurando explicação e, de repente, dormindo, o Mistério se revela.

Bem, eu estava sozinha, dirigindo um fusca branco por uma estrada de terra. Era um imenso descampado e estrada no meio, sem fim. Aos poucos foram aparecendo árvores, mato, mas nada de impressionante, só uma pequena subida e, de repente, um enorme lago! A estrada simplesmente terminava nele, como uma grande rampa de mergulho. O carro estava correndo, não teve como frear. Passou pela rampa e, em câmera lenta, como nos filmes, planou sobre a água e caiu. Enquanto ele caía só deu tempo de pensar: “pula fora pela janela, senão tu se afoga!” E eu obedeci. Apareceu um deque de madeira e foi nele que eu segurei, olhando o carro desaparecer debaixo d’água.

Deitei no deque e uma enfermeira logo veio me atender. Eu estava grávida e só queria saber se a criança tinha se salvado. Perguntava: “E a minha menina? E a minha menina? Está viva?” Sabe o que a enfermeira respondeu? “Você nunca teve uma menina.”

Pronto. Acordei e pareceu que tudo se encaixava. O que estava embaralhado se ordenou, o coração começou a bater

menos ansioso e eu olhei pra trás e pude ver: era verdade, eu nunca tive uma menina. Minha cria foi sempre Lucca!

Valentim

Meu marido e eu nunca nos preocupamos com essa questão de gênero. Acho que sempre tivemos a cabeça aberta, por isso Valentim viveu tudo o que quis e quando quis. Antes da transição casou-se, teve um filho que é o nosso orgulho, separou-se, viveu a homossexualidade, a bissexualidade. Há tantas coisas mais sérias com que se ocupar quando se é mãe: a educação, os princípios, os valores. Sabe aquele poema famoso do Gibran Khalil Gibran? “Vossos filhos não são vossos filhos. São os filhos e as filhas da ânsia da vida por si mesma.”? Esse poema norteou o tipo de relação que tivemos com o nosso filho desde antes de ele nascer. Vou te contar o porquê: Valentim salvou a minha vida para garantir a sua, para que, ao trazê-lo à luz, eu pudesse também conhecer a Luz. Escute só e veja se concorda comigo.

Érico e eu éramos namorados quando engravidamos. Nós queríamos viver juntos e a gravidez só adiantou as coisas. Por volta dos três meses combinamos de viajar para o litoral com alguns amigos. Éramos em onze, todos de Mauá, e queríamos passar o dia na praia e depois voltar. Fazia muito calor, imagine, e chegando lá a maioria foi direto pra água. Eu não. Preferi esperar um pouco, não sei, não estava me sentindo bem. Me lembro de insistir pra que Érico fosse nadar, eu não queria estragar seu passeio, mas ele preferiu ficar comigo, disse que se estávamos grávidos os dois, os dois ficariam fora d’água. Colocamos um cassete no toca-fitas e curtimos um som. Não passou muito tempo, o céu começou a escurecer. Chovia lá longe, era nítida

a tempestade que se aproximava. Ficamos apreensivos, fomos até a margem, gritamos por nossos amigos. Apenas cinco deles perceberam o perigo e saíram do mar junto com outros banhistas. Chamamos os outros quatro, acenamos com os braços, mas não houve jeito. Armou-se a tempestade e, em questão de segundos, uma tromba d'água os envolveu. Um barulho ensurdecedor e, depois, só o ruído constante da chuva.

Naquele instante, junto à enorme aflição e ao grande pesar, tivemos a nítida sensação de que meu parceiro e eu nos salvamos por causa da criança que esperávamos. Um pacto foi formado ali! E apesar da morte do Érico, décadas depois, sei que aquele pacto de Vida continua firme entre nós.

Valentim já viveu muito e ainda há de viver! Acompanho tudo, de perto ou de longe. Próximo dos 40 anos fez a transição de gênero. Mudou o nome, mas não sei se fará mastectomia ou hormonização, não importa, pois não é isso que define o homem que ele é. Valentim não me deve explicações nem eu a ele. Quando tem festa, festejamos. Quando há novidades, compartilhamos. Quando um precisa do outro, sinaliza. O Amor é a nossa garantia. Afinal, temos um pacto.

“Vossos filhos não são vossos filhos.

São os filhos e as filhas da ânsia da vida por si mesma.

Vêm através de vós, mas não de vós.

E embora vivam convosco, não vos pertencem.

Podeis outorgar-lhes vosso amor, mas não vossos pensamentos,

Porque eles têm seus próprios pensamentos.

Podeis abrigar seus corpos, mas não suas almas;

Pois suas almas moram na mansão do amanhã,

Que vós não podeis visitar nem mesmo em sonho.

Podeis esforçar-vos por ser como eles, mas não

procureis fazê-los como vós,
 Porque a vida não anda para trás e não se demora
 com os dias passados.
 Vós sois os arcos dos quais vossos filhos são arre-
 messados como flechas vivas.
 O arqueiro mira o alvo na senda do infinito e vos
 estica com toda a sua força
 Para que suas flechas se projetem, rápidas e para
 longe.
 Que vosso encurvamento na mão do arqueiro seja
 vossa alegria:
 Pois assim como ele ama a flecha que voa,
 Ama também o arco que permanece estável.”

(*O profeta* – Gibran Khalil Gibran)

*“Hoje Bernardo veio nos visitar. Soube que meu pai estava
 nos momentos finais e perguntou se poderia vir, se não cau-
 saria incômodo. Eu disse que muita gente já veio para as
 despedidas e seria muito bom se ele viesse também.*

*Meu pai está lúcido – a homeopatia tem feito seu tra-
 balho. Quando Bernardo chegou perto da cama meu pai
 perguntou ‘Quem é esse moço?’ (fazia tempo que não se
 viam). Eu respondi: ‘é o nosso filho, Bernardo’. Ele
 então comentou: ‘Você tem o nome da minha mãe. Ela
 chamava Bernarda.’”*

(Diário pessoal, 26/02/2018.
 Ribeirão Pires – São Paulo – Segunda-feira – 22h)

Diego



A vida não segue nosso ritmo, não espera o momento que a gente determina pra fazer as coisas acontecerem. A gente é que precisa embarcar no ritmo que a vida impõe.

Nosso filho começou a transição no momento em que saiu de casa e pôs os pés na faculdade. Foi ele sair, meu pai de quase 90 anos recebeu o diagnóstico de câncer e foi internado no Hospital das Clínicas, em São Paulo. Eu ia visitar meu velho e aproveitava para me encontrar com meu guri (naquela época, guria). Em alguns meses percebia já as mudanças, mas achava que era coisa das companhias: cabeça raspada de um dos lados, jeitão mais despojado, roupas largas, sem sutiã. A preocupação com meu pai desviava minha atenção e eu segui com ele até a alta, um bom tempo depois. Em uma das visitas Diego me acompanhou e o avô não tirava os olhos dele. Percebi que ficou encafifado, mas não disse nada – era discreto meu pai.

Foi só ao chegamos em casa que ele arriscou perguntar se a neta estava bem. “Por que, pai?” “Não sei. Parece que está triste, doente.” Foi só naquela hora, pelos olhos de outra pessoa, que eu comecei a prestar atenção e a levar a sério as mudanças que estavam acontecendo com minha filha. Meu filho, melhor dizendo. Não eram só mudanças de comportamento, eram mudanças internas e deviam doer, porque ele andava cabisbaixo, arredio, demorava pra aparecer em casa e, quando aparecia, tinha pressa de ir embora.

Meses depois, a doença de meu pai começou a reverter. Nesse período, a transição do nosso filho aconteceu de fato: iniciou a terapia e conseguiu o laudo para hormonização e cirurgia das mamas. Chegou um dia e falou: por favor, de agora em

diante, queria que vocês me chamassem de Diego. Minha mãe, sempre à frente do seu tempo, foi logo dizendo: “Diego! Esse menino tem bom gosto até pra escolher nome”. Meu pai é que resmungou: “Diego... justo o nome daquele argentino que se diz melhor que o Pelé?!” Ele estava reclamando do Maradona, vê se pode!

Passou um tempo e foi a minha vez. Assim que Diego começou a hormonização, os meus hormônios bagunçaram! Era a menopausa. Sangramentos, insônias, calores, palpitações. Estávamos os dois em processo.

Me aposentei na época em que ele fez a mastectomia – foi um prêmio para mim e um alívio para ele, que se livrou da tortura do binder. Como eu estava em casa, pude cuidar dele na recuperação. Ganhei fios de cabelo branco na mesma proporção dos fios de barba do Diego.

Meu pai curou-se do câncer, mas veio a falecer justinho quando teve início a retificação dos documentos do neto. Tive medo de que a burocracia colocasse empecilhos, recusasse, mas tudo correu bem. A nova certidão de nascimento chegou um mês antes da formatura. Minha mãe viveu a tempo de abençoar o casamento de Diego e Suzuki, um rapaz trans como ele. Foi na primavera. Chovia bastante de tardezinha, a “chuva das flores”, e o jardim mostrava-se viçoso como nunca.

“Ser forte é parar quieto; permanecer.”

(Grande sertão: veredas – João Guimarães Rosa)





caderno
Orlando

Escrever com agulha e linha

Adélia Nicolete

“A memória é a costureira, e por sinal bastante imprevisível.

A memória faz correr a agulha para dentro e para fora, para cima e para baixo, para cá e para lá.

Não sabemos o que vem a seguir, ou o que virá depois.

Assim, o mais banal movimento no mundo, tal como sentar-se a uma mesa e puxar para perto o tinteiro, pode agitar mil fragmentos díspares e desconexos, alguns brilhantes, outros obscuros, pendurados, balançando, mergulhando e tremulando como as roupas de baixo de uma família de catorze membros presas a uma corda durante forte ventania.”

Orlando: uma biografia – Virginia Woolf

Se a memória é mesmo a costureira, *Manto da Transição* é uma colcha de ideias, lembranças, escritos, bordados e, sem dúvida, leituras. *Orlando: uma biografia* é uma delas. Publicado em 1928, o livro de Virginia Woolf tornou-se um clássico ao romper com as fronteiras de tempo, gênero e identidade na literatura. O inusitado protagonista sugere uma discussão ainda hoje

fecunda sobre a sexualidade humana ao percorrer três séculos, ora como homem, ora como mulher. Nesse contexto, a roupa tem importância fundamental na fluida expressão de gênero do personagem, daí nosso segundo Caderno levar seu nome.

Aqui reunimos as peças de vestuário que, ressignificadas por meio do bordado, portam novas narrativas e perdem seu caráter privado e subjetivo. A história do binder, de cada jaqueta, cada vestido, foi atravessada e ampliada pelas entrevistas com as mães, pelas parcerias criativas e pesquisas, como podemos conferir nas legendas. Em outras palavras, as peças saíram do armário ou do baú para chegarem à sala de exposição, a este livro e apresentarem não só a minha experiência, mas a de muitas outras mães.

Tudo ali está simbolizado. A infância e a saída de casa; a transição e seus temores; a fé, a rede de apoio, a superação, o amor. Ao olhar as peças, não vemos mais a jaqueta de uso diário ou o vestido de festa, mas uma obra de arte que se dá a ler; algo a ser apreciado, capaz de promover debates, de produzir pensamento, de inspirar ações no mundo. Uma parte do processo de concepção e criação dos trabalhos, na forma de postagens e conversas, pode ser visto no perfil @manto_da_transicao, no Instagram.

Cabe, neste momento, uma outra referência a Orlando. Em suas vivências como mulher, ele sofreu os preconceitos, limitações e a invisibilização destinados ao gênero. Passado tanto tempo da publicação, o panorama, em grande parte do planeta, não é muito diferente. A mulher, a maternidade e o espaço doméstico e suas lides ainda são subestimados, e quando acrescentamos a esses termos raça e classe social, a equação torna-se um tanto mais complexa. Por isso, afirmo que um projeto LGBTQIAPN+, que trata do universo materno por meio das artes manuais, idealizado por uma mãe, realizado por um bando de mulheres e por homens transexuais e homossexuais é também uma transgressão, certamente inspirada na que Virginia Woolf propôs há quase cem anos.

Jaqueta Jeans



Audiodescrição: Jaqueta jeans azul, feminina, com manga longa e zíper na frente. Do bolso superior direito sai um pequeno coração em feltro vermelho. No bolso esquerdo há uma flor de feltro cor-de-rosa com uma haste verde-claro. Abaixo do bolso, um galho fino, bordado em marrom, traz uma flor bordada em cor-de-rosa na ponta. Outras florezinhas e pétalas minúsculas estão espalhadas por perto.

Temos em casa um armário de madeira mais velho que eu. Em suas oito gavetas, de tamanhos diversos, guardou mantimentos, miudezas, utensílios de cozinha, toalhas e panos de prato. Quando veio para a minha casa, junto com meus pais, há dezoito anos, pintei de ouro antigo e apliquei uma guirlanda de flores em torno de cada puxador. Desde então ele guarda tesouros. Abre-se uma gaveta e lá estão rendinhas antigas e passamanarias. Abre-se outra e saltam botões de outros tempos. Linhas de costura e de bordado, agulhas para todos os fins; riscos, moldes, carbonos; lantejoulas, carretilhas, canutilhos; sutaches, apliques, paetês; fitas, fitilhos, festões. O velho armário de madeira é meu inventário.

Foi ali que busquei inspiração quando nosso filho Bernardo transitou de gênero e eu quis dar “outra cara” à jaqueta jeans que usávamos “em sociedade”. Diante das linhas herdadas de minha mãe, a primeira ideia foi bordar um coração e todos os seus movimentos, sua dinâmica. Então saí em busca de algum desenho e, na falta de um que me agradasse, acabei por criar meu próprio risco. Foi na transição da jaqueta que, sem saber, iniciei o projeto “Manto da Transição”.

Semanas depois, participei de um encontro na Livraria e Espaço Cultural Alpharrabio, em Santo André (SP). Gleyce Borges, então aluna de Filosofia da Universidade Federal do ABC, reuniu um grupo a fim de bordar, filosofar e ler poesia. Levei a jaqueta ao bordado coletivo e ali brotaram os galhos e as florezinhas, lembrança do Festival das Cerejeiras, último passeio que fiz com Bernardo antes da transição. Dali em diante acrescentei outras memórias: a flor de feltro presenteadada pela amiga Cristiane Layher Takeda, a renda que enfeitava a lembrancinha de nascimento de Aurora, filha da amiga Rose Faria e de André Orbacam, o fuxico oferecido por uma colega do encontro poético. De certa forma, a jaqueta usada “em sociedade” cumpriu seu destino coletivo.



Audiodescrição: Nas costas da jaqueta, ao centro, há um grande coração bordado em diversos pontos e em cores que variam entre amarelo, vermelho e azul. Da parte superior esquerda do coração, sai um risco vermelho que se encontrará com o bolso direito, na frente da peça. Da parte inferior direita do coração sai um galho marrom bordado e dele pendem muitos botões e flores cor-de-rosa. Uma parte desse galho atravessa a lateral inferior da jaqueta até alcançar a parte da frente.

Vestido Azul



Audiodescrição: Frente de vestido infantil regata visto pelo avesso. Da cintura para cima é azul-marinho com minúsculas bolinhas brancas. Da cintura para baixo tem uma saia branca franzida, rodada e decorada com pequenas aplicações coloridas, bordadas a mão e que remetem ao universo infantil, tais como como skate, bola, bolinhas de gude, videogame, toboágua, barco, bicicleta, patins, patinete etc.

Lembro-me perfeitamente daquele sábado de 1999. Bernardo e eu, junto com a amiga Marlene Cristiani e suas filhas Camila e Carolina, percorremos de alto a baixo o shopping Iguatemi, em São Paulo, até encontrar o vestido azul, que seria usado em uma festa de casamento. Lembro-me também da festa e de Bernardo com o braço engessado devido a uma queda de bicicleta, o que tornou a ocasião ainda mais memorável. Guardei o vestido.

Ao recuperá-lo para este projeto, a lembrança da fratura veio à tona e pensei nas estripulias de nosso filho, que pouco se divertia com brincadeiras ditas de menina. Preferia jogar futebol e fubeca com os irmãos mais velhos; rodar pião, pescar, andar de skate e de patinete, presentes da tia Milene. Vendo em retrospectiva, no avesso daquele vestido azul morava um moleque de seis anos, capaz de capotar a bicicleta, quebrar o braço e não chorar.

Nasceu, pois, a ideia do bordado. Em busca de referências, lembrei-me da estilista mineira Zuzu Angel, morta por denunciar a ditadura militar e por exigir explicações sobre o desaparecimento do filho, Stuart Angel Jones, militante da esquerda. Num desfile de sua coleção em Nova York, ela apresentou um vestido de noiva com aplicações bordadas em que constavam soldados, canhões, tanques de guerra, quepes, gaiolas e outras figuras de traços infantis relacionadas à violência que acontecia no Brasil. Decidi, então, que a luta daquela mãe seria a inspiração para o vestido azul.

Ao convidar a artista-educadora Karina Nakahara (Ribeirão Pires, SP) para o projeto, tinha em mente seu trabalho de arte com crianças. Seria a pessoa ideal para criar as imagens de modo a remeter às diversas fases do desenho infantil. Discutimos, refletimos e fizemos, então, um levantamento de jogos, brincadeiras e experiências vividas por Bernardo até os seis anos, que foram desenhadas no papel e, em seguida, transferidas para um tecido branco a fim de serem bordadas, engo-

madras e fixadas no avesso do vestido. O traço espontâneo de Karina inspirou um tipo de bordado igualmente descontraído, de pouco respeito aos contornos, à simetria e à lógica das cores. Dois desenhos de Bernardo integram a peça, um deles é um anjo. Dei a ele o nome Zuzu.



Audiodescrição: Costas de vestido infantil regata visto pelo avesso. Da cintura para cima é azul-marinho com minúsculas bolinhas brancas. Da cintura para baixo tem uma saia branca franzida, rodada e decorada com pequenas aplicações coloridas, bordadas a mão e que remetem ao universo infantil, tais como como skate, bola, bolinhas de gude, videogame, toboágua, barco, bicicleta, patins, patinete etc.

Vestido Branco



Audiodescrição: Frente de vestido infantil branco regata. Na parte central da frente há uma abertura em formato triangular que deixa ver um tecido azul bordado com pequenos pontos em vermelho. Da abertura saem fios de linha azul e vermelha, que ficam pendurados. Na barra frontal do vestido está bordado em letra manuscrita “você não sabe”.

Sábado era dia de catequese. Bernardo saía cedinho de nossa casa em Ribeirão Pires (SP) e caminhava pela avenida até a igreja matriz. Não sei se todas as mães têm pânico de perder os filhos, eu sempre tive. O trajeto durava cerca de vinte minutos e ele me ligava do orelhão toda vez que chegava. Mesma coisa no domingo, dia da missa das crianças.

O que pensava aquele menino, sozinho, durante o percurso? O que pulsava sob o vestido branco da primeira comunhão, costurado pela vizinha, dona Raimunda? O que passava por sua cabeça de oito anos e em seu coração quando, um dia, depois de levar uma bronca, me encarou e disse, com firmeza espantosa: “Você não sabe quem eu sou!”? Perguntas desse tipo nortearam a ressignificação do vestido branco, orientada pela artista Ivy Ota Calejon (Piracicaba, SP).

Além de outras atividades, Ivy dedica-se às técnicas ancestrais japonesas de tingimento e bordado, o que considerarei bastante apropriado para compor “as entranhas” daquela roupa. Logo de início propus utilizarmos um retalho tingido com índigo pela própria artista e que me fora presenteado anos antes – a cor azul do tecido criaria um contraste com o branco do vestido e poderia sugerir o “menino” que habitava aquela criança. Para que o tecido azul fosse revelado, Ivy sugeriu criar uma fenda no peito do vestido, como se não fosse mais possível conter as pulsões internas. O retalho seria bordado na técnica do Sashiko, do qual utilizaríamos o padrão “casco de tartaruga”, com linha vermelha. Pela fenda seria possível visualizar o avesso, ou seja, o desenho estilizado do animal. Nas costas do vestido, através do zíper aberto, veríamos o direito do bordado com seu complexo movimento de linhas, seu emaranhado visceral – rubra coreografia de sentimentos naquele peito de criança.

Na barra do vestido, com linhas que transbordam do sashiko, a frase lapidar: “Você não sabe quem eu sou”, manuscrita por Bernardo adulto.



Audiodescrição: Costas de vestido infantil branco regata. O zíper está aberto e deixa ver um pedaço de tecido azul com linhas vermelhas emaranhadas. Da abertura saem linhas azuis penduradas que alcançam as palavras “quem eu sou” bordadas na barra.

Vestido Florido



Audiodescrição: Frente de vestido infantil regata, com uma faixa de tecido florido em torno do decote à frente, bem como na cintura e na barra. O peito é azul-claro, a cintura é branca e a saia é cor-de-rosa em tom pastel. Na saia rodada estão bordadas em preto e em letra manuscrita, palavras interligadas umas nas outras com bordado preto; as palavras são: espanto, medo, tensão, tristeza, angústia, conflitos, insônia, assombro, pesadelos, aflição, ignorância, ansiedade, culpa, luto, acolhimento, compaixão, paciência, respeito, superação, confiança, empatia, resiliência e compreensão.

Festa junina na escola. Ainda tenho guardado um de meus vestidos, usado ano após ano, ajustado conforme eu crescia. Adorava junho ainda mais que dezembro. Ansiedade, expectativa, encantamento, alegria. Quantas emoções percorrem nosso corpo nas situações marcantes da vida? Sabemos que a experiência é particular, intransferível, no entanto, costuma haver um emaranhado comum de sentimentos, capaz de sintonizar, provocar identificação, solidariedade e empatia.

Durante as entrevistas para este projeto, foi possível notar um percurso emocional parecido em praticamente todas as mães de filhos transexuais. Surpresa, medo, culpa, a princípio e, conforme o tempo passava, coragem, acolhimento, compreensão... Havia tanta semelhança que, a certa altura, comecei a colecionar palavras repetidas a fim de bordar com elas uma cartografia. Quem sabe no vestido de festa junina de Bernardo? Convidei, então, Renata Matteoni (Juiz de Fora, MG), artista e pesquisadora do bordado e do tingimento, para pensarmos juntas este trabalho.

Foram semanas de reflexão, um período de muitas trocas e aprendizados. Começamos pelo tingimento natural do tecido nas cores da bandeira trans, azul, branco e rosa, mas e depois? Qual seria nossa referência para o bordado das palavras? Vários nomes surgiram, até que chegamos a uma das artistas preferidas de Renata, a francesa Louise Bourgeois. Era ela! Daí em diante tudo pareceu fazer sentido.

Mulher, mãe, filha de artistas manuais, bordadora, Louise fez da memória familiar e das roupas e tecidos, dois dos principais motores de sua obra. Para nosso projeto, trouxemos seus bordados de palavras e Renata dispôs, com letra caprichada à volta do vestido, a ciranda de sentimentos maternos. De baixo para cima, da terra para o céu – feito fogueira a queimar – palavras que partem da dor e alcançam a superação.



Audiodescrição: Costas de vestido infantil regata, com uma faixa de tecido florido em torno do decote atrás, bem como na cintura e na barra. As costas são azul-claro, a cintura é branca e a saia é cor-de-rosa em tom pastel. Na saia rodada estão bordadas em preto e em letra manuscrita, palavras interligadas umas nas outras com bordado preto; as palavras são: espanto, medo, tensão, tristeza, angústia, conflitos, insônia, assombro, pesadelos, aflição, ignorância, ansiedade, culpa, luto, acolhimento, compaixão, paciência, respeito, superação, confiança, empatia, resiliência e compreensão.

Jardineira



Audiodescrição: Vestido infantil tipo jardineira, vermelho, quadriculado com faixas pretas, com uma linha amarela ao centro. No alto da alça esquerda há dois botões em formato de joaninha. Outros seis desses botões fecham o vestido na lateral direita. No peito, ao centro, há uma figura de Nossa Senhora Aparecida bordada em ponto cheio. Atrás da cabeça, ela tem uma auréola feita com um descanso de xícara em crochê dourado.

Sabem aquela roupa gostosa, de boa qualidade e que nunca sai de moda? A jardineira xadrez era dessas. Os botões comuns, desfalcados, foram trocados por joaninhas e a barra chegou ao seu ponto máximo. A criança crescia e a roupa crescia junto – uma peça que acompanhou boa parte da infância de nosso filho. Guardei.

Em seu padrão vermelho e preto, a jardineira tem muita personalidade! Tanta que, ao iniciar o projeto “Manto da Transição”, não sabia como ressignificá-la. Ficou reservada para quando surgisse uma ideia, o que aconteceu durante a entrevista com uma das mães: eu usaria a peça para celebrar a fé, o sagrado. E como a devoção a Nossa Senhora é herança de família, bordei a santa e decidi aplicar a imagem na roupa com materiais “herdados”: a passamanaria de minha mãe, pecinhas de bijuteria de Bernardo criança e até um porta-copos, recebido de lembrança, ganhou tinta dourada e se fez de auréola.

A figura ganha destaque sobre o fundo escuro e sua localização no peito da jardineira, próximo ao coração, dispensa quaisquer outros enfeites. Aquela mãe entrevistada, ao deitar-se no chão da basílica de Aparecida rogando pelo filho, estava sozinha com Nossa Senhora, ainda que em meio à multidão.

Vestido Dama de Honra



Audiodescrição: Frente de vestido infantil creme, feito de tecido delicado, que deixa ver o forro na mesma cor. As mangas curtas são bufantes e, assim como o peito, trazem flores estilizadas de fita na mesma cor do vestido. Da cintura para baixo pende um saião franzido transparente com duas fitas de cetim, largas e paralelas, costuradas próximo à barra. No peito, à frente, há uma mini almofada em tecido claro, estampada com impressão botânica em tons laranja. Sob a primeira saia do vestido, estão presas outras pequenas almofadas, quadrangulares ou retangulares, de tamanhos diversos, onde estão impressas folhas e flores de diferentes espécies em tons de azul, verde, laranja e vermelho. Todas as almofadinhas estão contornadas com ponto caseado laranja.

O processo criativo tem seus mistérios. Quem é das artes sabe. A gente principia certa do rumo, reúne ferramentas, parceiras, saberes e... a coisa não vai pra frente. Deixamos de lado.

Tempos depois retomamos e nada... Parece que algo não se encaixa, que aquilo “não é para ser”. Sucedeu assim com o vestido de dama de honra: era pra ser uma coisa e acabou sendo outra. Conto para vocês.

Durante os estudos para a criação do vestido florido, a parceira Renata Matteoni e eu lemos *Eu sou o monstro que vos fala*, livro de Paul B. Preciado. O monstro em questão é o transexual, segundo o filósofo. Alguém que ousa transgredir a lógica homem/mulher e cavar com as mãos o túnel da liberdade identitária. A ideia da monstruosidade trans é compartilhada pelo escritor e ilustrador Lino Arruda, o que pode ser conferido em seu livro *Monstrans: experimentando horrormônios*.

Tal pesquisa paralela estimulou Renata a experimentar impressões botânicas inusitadas. Em pequenos pedaços de tecido, ela criou “monstros florais” ao juntar hastes de uma flor, folhas de outra e corola de uma terceira. A ideia era criar uma espécie de patuá para cada palavra bordada naquele vestido. Por exemplo, para a palavra medo, Renata criou um “monstro” com plantas que atuam contra o medo na fitoterapia; criou outro para estimular a compaixão e assim por diante. Cada patuá teria um aroma correspondente, de modo a criar uma obra multissenso-rial. Ao analisarmos a ideia, consideramos que as palavras bordadas seriam suficientes no vestido florido. Se colocássemos algo mais seria exagero. Renata me presenteou com os patuás, que ficaram guardados por um bom tempo.

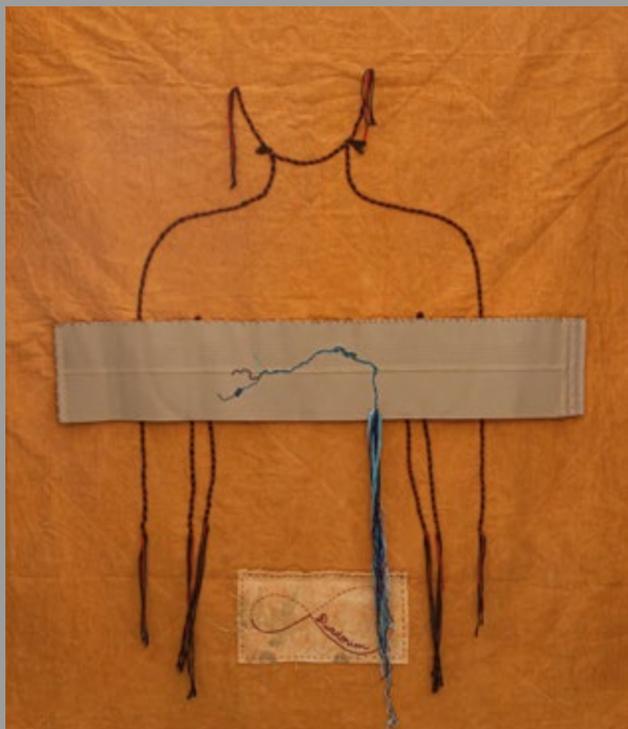
Enquanto isso, o vestido de dama de honra estava malparado. O projeto imaginado para ele não tinha jeito de encaixar, penso que pelo contraste – o vestido era por demais delicado para um bordado rústico e de muitos fios. Mas, cá entre nós, eu tinha um apego especial a ele, por ter sido usado no casamento da irmã mais velha (embora Bernardo quisesse usar paletó, como os irmãos). Meses foram necessários, além de estudos e experiências, para se chegar à conclusão de que a delicadeza daquela peça combinava mesmo era com a delicadeza monstruosa criada por Renata. E assim se fez.

À imagem suscitada por Paulo B. Preciado e Lino Arruda, aliou-se o formato proposto por Rosana Paulino em sua obra “Parede da memória”: uma série de pequenos patuás com acabamento em ponto caseado a dar visibilidade à pauta de raça, classe e gênero. Tudo se encaixava como se definido desde o princípio. Enfim, mistérios do processo criativo.



Audiodescrição: Costas de vestido infantil creme, feito de tecido delicado, que deixa ver o forro na mesma cor. As mangas curtas são bufantes e, assim como a parte superior das costas, trazem flores estilizadas de fita na mesma cor do vestido. Da cintura para baixo pende um saião franzido transparente com duas fitas de cetim, largas e paralelas, costuradas próximo à barra. Sob a primeira saia do vestido, estão presas pequenas almofadas, quadrangulares ou retangulares, de tamanhos diversos, onde estão impressas folhas e flores de diferentes espécies em tons de azul, verde, laranja e vermelho. Todas as almofadinhas estão contornadas com ponto caseado laranja. À cintura, há um grande laço na mesma cor do vestido, feito em tecido translúcido.

Binder



Audiodescrição: Painel retangular alaranjado visto na vertical. Ao centro, uma silhueta humana da cintura para cima, bordada com linha marrom e detalhes em vermelho. Das bordas inferiores pendem fios das mesmas cores. Na altura do peito há um binder bege escuro. A porção central do acessório é atravessada por um bordado em quatro tons de azul que reproduz quatro rios a fluir paralelamente. Da ponta direita do bordado pendem longos fios. Na altura do púbis, há um pedaço retangular de tecido bege mais claro em que está bordada uma leminiscata vermelha. Sobre a linha inferior direita da figura, na parte interna, a palavra Diadorim está bordada em letra manuscrita.

Grande sertão: veredas é livro de cabeceira, livro de ler e de consultar – abrir em uma página qualquer e ver o recado que Guimarães Rosa deixou pra nós naquele trecho. Livro de grandes ensinamentos nessa travessia que é a existência humana. É nele que mora Reinaldo, o Diadorim, inspiração para o bordado de uma das peças de nosso projeto.

Diadorim, que podemos ler como um homem trans, usava uma faixa de tecido para comprimir os seios e garantir uma aparência masculina, necessária à sua participação e à sua segurança no bando de jagunços. Fosse hoje, Diadorim usaria um binder (pronuncia-se báinder), feito de elástico firme. O binder não é peça que guardei da infância de meu filho, mas marca concreta do início de sua transição de gênero, de sua travessia. Pensar em travessia é pensar em Janice Kirner (São Carlos, SP), artista visual e pesquisadora das artes manuais com fios. *Imensidade*, seu livro de artista publicado pela Baleia Livros, faz referência ao *Grande Sertão* de Rosa e é todo bordado, exemplar a exemplar. Convidei Janice a propor uma arte para o binder, algo relacionado a Diadorim e sua condição, e foi assim que iniciamos um trajeto marcado do início ao fim pela magia roseana.

A princípio, Janice selecionou quatro rios da bacia do Rio São Francisco, importantes na trajetória do personagem, e criou um desenho a ser bordado no binder. A ideia era aplicá-lo sobre uma silhueta, bordada em lona, a fim de criar um grande painel. Missão cumprida, pensamos que a lona crua poderia ganhar uma cor e, então, convidamos a amiga Renata Matteoni, tingidora, a participar das decisões. Ela sugeriu tingimento com terra e começamos a pesquisar a técnica. Nesse momento, integrou-se ao grupo a também tingidora Raquel Toledo, apresentada a nós pela artista visual Pitiu Bonfim – ambas de São José dos Campos, SP.

Raquel fez os primeiros testes e sim, a lona receberia muito bem o pigmento terroso, restava saber com qual tipo de terra iríamos tingir. Naquele período – setembro de 2023 – eu viajaria a Minas Gerais. Por que não pegar terra de lá, berço de Guimarães Rosa? Por que não pegar terra de Cordisburgo, cidade onde ele nasceu?! Por que não fazer um percurso literário de Guimarães Rosa? E assim, meu marido e eu fizemos parte do caminho percorrido pelos personagens roseanos e coletamos terra de Cordisburgo, Andrequicé, Três Marias e Araçuaí. Depois de novos testes, num verdadeiro ritual junto à nature-

za, nosso painel ganhou o tom avermelhado de Andrequicé, nas mãos de Raquel Toledo. E a travessia seguiu adiante.

As costas do painel, o que faremos nela? Tudo decidido em conjunto, bem pensado, bem-querido e, mais uma vez, Raquel entra em ação: tingimento terroso – de Cordisburgo – e impressão botânica, com plantas do cerrado. E, então, o que era pra ser o bordado de um binder ganhou mil outros sentidos, teve a leitura ampliada. À pauta da Diversidade, por exemplo, soma-se à da Biodiversidade – o cerrado, pouco a pouco, dá lugar ao agronegócio, parte do sertão é hoje um imenso eucaliptal. No painel convivem, portanto, artes visuais, literatura, geografia, ecologia, ativismo e o que mais surgir, de acordo com as referências do público. Porque “a vida é mutirão de todos”, como Rosa nos ensina.



Audiodescrição: Verso do painel retangular alaranjado visto na vertical. Sobre o fundo alaranjado, há folhas e ramos em tons de verde espalhadas por toda a área, feitas com a técnica de impressão botânica. Há também algumas impressões de flores em azul.

Jaqueta Verde



Audiodescrição: Frente de jaqueta feminina verde, em estilo militar, mangas longas abotoadas nos punhos. Na frente, na altura do peito, há dois bolsos quadrados com abas fechadas por botões verdes circulares. Abaixo da cintura há outros dois bolsos quadrados, maiores que os de cima, com abas fechadas por botões verdes circulares. Nas duas pontas da gola há um botão caramelo circular. Ao centro, de alto a baixo, sete botões brancos circulares, em diferentes tamanhos, unem os dois lados da jaqueta. À esquerda, acima da cintura, sobe um ramo branco bordado. Dele saem folhas e outros ramos. Na ponta de alguns deles, à direita, há estrelas brancas bordadas. De alto a baixo, próximo ao meio da peça, estão bordados os dizeres EU VIM 16 04 2018. Na cintura, o nome BERNARDO está bordado em branco. O bolso inferior está emoldurado por um bordado branco. Acima dele está escrito Pitanga, em linha branca. No centro do bolso há uma pitanga bordada na cor laranja. À direita, acima da cintura, sobe outro ramo branco bordado. Dele saem folhas e outros ramos. No alto há uma estrela branca bordada. De alto a baixo, próximo ao meio da peça, algumas ondas estão alinhavadas em branco. Na cintura o nome EMANUEL está bordado em branco. O bolso inferior está emoldurado por alinhavos brancos. Acima dele está bordada a palavra Manacá, em branco. No centro do bolso há uma flor de manacá bordada em cor-de-rosa com miolo vermelho. Na barra inferior, dividida entre os dois lados, a frase NÃO HÁ NADA DE HEROICO NESSES PROCESSOS está bordada em maiúsculas brancas.

A jaqueta verde foi amor à primeira vista. Bom corte, forrada, caimento perfeito, viajou comigo por muitos lugares e foi até figurino de performance. Até que começou a servir para o Bernardo e teve de ser disputada entre nós, o que durou uns bons anos. Chegada a hora de ele sair de casa para cursar a universidade, pensei que a tal jaqueta seria um bom presente e um modo de ficar por perto, claro. Lembro-me de entregá-la e dizer: “Até hoje fomos nós que te dissemos como é o mundo, agora é a sua vez. Você vai aprender muita coisa e voltar pra ensinar a gente.”

Durante as entrevistas com as mães, notei o quanto a saída de casa para o mundo é responsável pela consciência da transexualidade e, daí, para a transição de gênero. Conosco não foi diferente. Numa das visitas que nos fez, logo no início da transição, Bernardo me devolveu a jaqueta verde. Sim, eles aprendem e voltam para nos ensinar.

“Casa-Mundo” foi o nome que dei a esse bordado tão especial. Ele traz referências da infância, registradas na frente da jaqueta numa releitura direta do artista Arthur Bispo do Rosário. Ali estão presentes a pitangueira de nosso quintal e o manacá, abundante na cidade em que vivíamos; as estrelas vistas pelo telescópio instalado na laje e o marco da saída definitiva para o mundo, a data em que foi emitida a nova certidão de nascimento.

Nas costas, o mundo representado pelas frases do filósofo espanhol Paul B. Preciado, homem trans, e pelo traço do artista brasileiro Leonilson. As vias pulmonares estilizadas lembram os caminhos percorridos – ruas, estradas, ferrovias – e foram sugeridas por Ana Paula Patrone (Ribeirão Pires, SP), parceira neste projeto, e inspiradas em “Memórias imaginárias”, trabalho de escrita, bordado e memória realizado pela artista.

“Casa-Mundo” foi a peça mais demorada e que durou praticamente todo o processo. Ao final, com fortes dores na mão direita devido ao trabalho intensivo de bordar, contei com a ajuda da amiga Marlene Gardino Mourão Cristiani para bor-

dar os “pulmões”. Agora sou capaz de calcular o esforço sobre-humano de Bispo do Rosário, a quem reverencio e dedico os bordados deste “Manto da Transição”.



Audiodescrição: Costas de jaqueta feminina verde, em estilo militar, mangas longas abotoadas nos punhos. No meio da gola, há um botão preto circular com um brilhante no centro. Na pala há três botões circulares equidistantes, um marrom, um bege e um azul-claro. Abaixo deles, bordada em maiúsculas pretas, a frase: A LIBERDADE É ALGO QUE SE FABRICA. No meio da parte central da jaqueta há uma fenda e nela está bordada a silhueta de um homem nu, de cabeça para baixo. Dois anéis do tipo saturniano circundam os joelhos e também os braços e a cintura. Dos dois lados da fenda, de forma simétrica, está bordado em preto uma espécie de complexo viário, uma simulação de ruas interligadas, formando um arabesco. Alguns trechos dessas vias estão atravessados por um bordado vermelho que simula trilhos de trem. Há quatro botões circulares espalhados pelo espaço. Na faixa da cintura está bordado em maiúsculas pretas LEONILSON. De cada lado dessa faixa há uma fivela que se prende à parte da frente da jaqueta. Na porção inferior da jaqueta estão espalhados sete botões circulares, de tamanhos e cores diferentes, bem como um botão em forma de joaninha. Na barra inferior, dividida entre os dois lados, está bordada em maiúsculas pretas a frase: A LIBERDADE É UM TUNEL QUE SE CAVA COM AS MÃOS.

"Entregamos o texto do "Manto da Transição" para Isabela Teles Veras, da Fabricando Ideias. Ela vai editar o livro e publicar pela Alpharrabio Edições.

É muito simbólico tudo isso, pois esse projeto meio que nasceu na Livraria Alpharrabio, anos atrás, numa tarde de bordado, poesia e filosofia. Foi quando descobri que o trabalho na jaqueta jeans era, no fundo, uma ressignificação poética de toda a experiência de transição do Bernardo.

Que o ponto final dado hoje marque o início de um novo e ainda mais potente bordado – o da visibilidade trans pelo olhar materno por meio de um livro."

(Diário pessoal, 28/11/2023)

Fios entrelaçados numa trama de sentires, a título de apreciação intensiva*

[a urdidura]

“Quem sabe isso quer dizer amor?”

[o fio intensivo]

Múltiplos sentires. Fragmentos. O corpo-urdidura perguntando: quem sabe, quem sabe? Tramado por fios de um manto em travessia. A escrita tecida em sangue no corpo, nos corpos. Múltiplos sentires nos corpos bordados de roupas antigas que não servem mais. Outros-mesmos. Inquietos. Atravessados, urdidos, tramados, escritos em diários. Entre-vistas. Marcas no papel e no pano de um corpo em transição.

* Este texto se inventa como um conjunto de três fios que cruzam a urdidura, composta pela canção dos irmãos Márcio e Lô Borges, “Quem sabe isso quer dizer amor”, imortalizada na voz de Milton Nascimento (2002). Os fios, bordado e diário, retirados do corpo escrita Manto da Transição, tramam-se com o fio intensivo, percorrendo os cadernos e transformando em signos afetivos os personagens, as imagens e as vozes do livro.

[o fio diário]

Dei uma olhada. Fiz uma pausa. Fiquei pensando.

Três movimentos delicados diante dessa leitura.

[o fio bordado]

O vestido.

Guardei.

Parece que algo

não se

encaixa,

que aquilo

“não é para ser”.

O que chama atenção?

Nomes próprios, em letras maiúsculas: REINALDO, BRUNO, JONATHAN, GABRIEL, CAUÊ, RAFAEL, BENJAMIN, LOURENÇO, CHICO, NICKY, LUCCA, VALENTIM, DIEGO, ORLANDO.

Nomes. Próprios. Todos trazendo a marca e a tradição do masculino. Fiquei pensando.

“Quem sabe isso quer dizer amor?” Amor it...

Talvez o amor it em processo ite fica em vias de se fazer amorite... processo inflamatório que perturba a ordem natural do corpo... invasão tecidual... corpo estranho identificado! A inflamação – do latim inflammatio, atear fogo – é uma reação do organismo a uma infecção ou lesão dos tecidos. Reação essa que envolve o corpo todo... vermelhidão e inchaço no local é característico... fluxo sanguíneo que se faz presente... macrófagos, leucócitos e demais células brancas que se locomovem para defender o corpo estranho que aflige, incomoda, desestabiliza! Amor inflamado...

processo que exige do corpo o sangue...

Dei outra olhada. Fiz outra pausa. Continuei pensando. Entre os três movimentos delicados diante dessa leitura, uma melodia e uma letra. “Quem sabe isso quer dizer amor?... Pensei em tudo que é possível falar...”

*A jaqueta era verde.
A memória de um ido,
de uma partida.
Até hoje fomos
nós que te dissemos
como é o mundo,
agora é a sua vez.*

No diário, a mãe de BRUNO fala:

“Eu caí do céu naquela hora e caí de cara no chão de tanto espanto... O que eu ia fazer, o que eu ia dizer?”

Fiz uma pausa. “Pensei em tudo que é possível falar”, a música invadindo a leitura e perguntando insistentemente: “Quem sabe isso quer dizer amor?”

No diário, a escrita fazendo chão ao espanto. A mãe de BRUNO, JONATHAN, GABRIEL, REINALDO escrevendo e inflamando. Bordando o amor it na escrita.

Amor it da escrita. Diz o filósofo que toda escritura é uma carta de amor. Acrescento: de amor it. Em inglês, o it é usado para objetos, animais, plantas, e também nas orações sem sujeito. Amar it é amar o amor. O amor que está para além e aquém das formas estabelecidas, categorizadas, para além dos sujeitos definidos.

O diário da transição é uma declaração de amor, na composição de um manto. Uma declaração de amor a coisas que invadem e inflamam: dúvidas, incômodos, diferenças. A escrita fazendo chão ao espanto bordado em amor. Uma peça de roupa. Que fazer com as letras maiúsculas, nas sedas tão delicadas? O diário, a música, a roupa, o bordado. “Pensei no tempo e era tempo demais”.

O corpo-escrita é um outro do outro, um outro de si e do outro. Um it. Um tempo outro. Entre tempos Um amor-it. Um amor-it-da-escrita. O corpo afetado pela escrita diarística. É um corpo-escrita no entre. Entre-escrita. Entre-corpos. Entre maiúsculas e minúsculas. O corpo-escrita bordando tempo em diário.

A mãe do GABRIEL vivendo um dia de cada vez. Em cada dia uma lição anotada no diário. A mãe do RAFAEL vendo os olhos dele brilharem, mas chorando baixinho de medo. As palavras a abraçavam, bordando o tecido do manto.

*Uma dama de honra.
Um vestido ritual a
cavar com as mãos
o túnel da liberdade
identitária.
Impressões.
Manchas.*

As mães de BENJAMIN, LOURENÇO, CHICO, dispostas a enfrentar o senso comum, aquilo que é imposto como verdade. Cada uma se perguntando sobre qual narrativa quer para sua vida. E respondendo, num fôlego: escolho a alegria.

*Patuá.
Pontos caseados
a dar visibilidade
às pautas de
raça, classe e gênero.
Sucedeu assim.*

A mãe do CAUÊ no trem, entre maiúsculas e minúsculas, compondo tempo e coragem. “Tudo tem nome e feição. E se a gente dá o tempo de parar em cada uma, em cada estação, antes de seguir para a próxima, a gente aprende a ver melhor, de perto, a conhecer”. A escrita bordando, um amor-it-da-escrita.

Amor it da escrita. Diz o filósofo que toda escritura é uma carta de amor. Maiúsculas, minúsculas, it. Amar it é amar o amor. Um amor ao que nos estranha, ao que nos desacostuma, ao que se torna concreto na escrita. Uma escrita de amor it é uma escrita por amor. Uma paixão que se dá entre a escrevente-mãe e o ser amado-filho.

RAFAEL, NICKY, LUCCA, VALENTIM, DIEGO, ORLANDO, seres amados, maiúsculos. Seres viventes nos diários de transição. Seres escritos por caligrafias minúsculas, incertas, sensíveis ao si do outro. “Quem sabe isso quer dizer amor?”

Nina Veiga
artemanualista e doutora em educação

Nos últimos tempos, sempre que me via junto ao notebook, minha mãe perguntava: está escrevendo mais um livro? Eu respondia que sim, para sua alegria.

Ela não pôde ter o "Manto da transição" em suas mãos, mas acompanhou bordados e escrita até o ponto final.

Era seu sonho ter uma filha escritora.

Todos os meus livros são e serão para ela.

Agradecimentos Gerais

Adriana Marques, Adriana Tomasio, Alda Maria Cordeiro da Veiga, Alex Trahan, Aline Godoy, Amanda Palha, Ana Cristina Freitas, Ana Maria Pereira dos Santos, Ana Terra, André Bueno de Camargo, André Ravasco, Andreia de Almeida, Antonio da Silva Guimarães (*in memorian*), Barbara Hugo, Belito Marques Barja, Brutus Guilherme Guimarães Moreira, Camila Shunyata, Caren Ruaro, Cecília Camargo Cecília Reis, Maria Aparecida S. Morais, Cíntia Alves, Cintia da Costa Ferreira, Claudia Jordão, Cristiane Lahyer Takeda, Diogo Cabuli, Dona Jô (Jueri Donajo), Dominique Carvalho Acedo, Elaine Perli Bombicini, Eloísa Elena, Elvis Emídio, Erickson Eduardo, Eva Sielawa, Fernanda de Lima, Flávia Ferrari, Gabriela Codeceira, Geraldo Nicolete (*in memorian*), Gleyce Borges, Haru Kim, Hazel, Helder Marques, Heloísa Cardoso, Heloisa Patriarca, Izabela Loures, Ivone Alegrete Fernandes, Jackson Magalhães, Janete Angelino, Juares Ambirez, Juliana Cordeiro da Veiga Santos, Juliano Mendonça, Kadu Tavares, Kátia Daher, Kelly Guimarães, Kelly Lima, Leandro Delgado, Lenin Viana, Leolina Rodrigues Guimarães (*in memorian*), Letícia Brito, Lucas Guimarães, Maram Rocha, Maria Cristina de Sanctis, Maria Lenira Gabriel, Mariana Colosso, Maria José de Abreu (*in memorian*), Maria Rita, Martín Sebastian Camargo, Masao Farah, Nádia Costa, Nick Aboud, Nowaki Thomas Libanore da Silva, Patrícia Maria Roberto, Pedro C., Paulo Roxo Barja, Regina Celi, Renato David Oliveira, Ricardo Ramalho, Rodrigo César Casemiro, Rodrigo Jones, Sara Bonfim, Simone Sobreda, Susane Jardim, Tatá Oliveira, Thomás de Abreu, Uriel, Veronica Mello, Vlademir Dorigon, Wallace Pusso.

Manto da Transição

Composto por Fabricando Ideias Design Editorial
para Alpharrabio Edições

2024

O mundo está em transformação e isso é fato, não desejo. Desejo é que o mundo permaneça estático, imobilizado em suas velhas leis, costumes e regras morais. Esse é o desejo, o sonho, a prece de muitos que por ingenuidade, ignorância ou má-fé, acreditam numa suposta unidade e negam a diversidade com que a natureza se apresenta. Sim, somos diversos. Em pensamento, em destino, em fé. E a unidade, dentro da diversidade, se conquista com respeito às diferenças pessoais e com afeto.

O mundo está em transformação e nós junto com ele. A publicação deste livro com relatos de experiências maternas de transição de gênero é evidência dessa mudança. O afeto que envolve as narrativas, a delicadeza do registro em bordados e a atmosfera amorosa que permeia esse trabalho demonstram a beleza de um mundo em movimento. Somos pessoas, não classificação econômica, intelectual, social, religiosa ou sexual. Somos vidas, isso deveria bastar. Boas-vindas ao “admirável mundo novo!”

Luís Alberto de Abreu,
pai do Bernardo.



Audiodescrição: Mulher branca, de meia idade, vista de frente, do busto para cima, sobre fundo branco. Os cabelos castanhos e cacheados chegam à altura dos ombros, ocultando as orelhas. Tem o rosto oval, a testa larga e as sobrancelhas são espessas e castanhas como os olhos. O nariz é largo e as bochechas, salientes. Ela usa batom cor-de-rosa e sorri mostrando os dentes superiores. O pescoço é largo e o colo está à mostra graças ao decote em V da blusa vermelha com fios brilhantes. Usa um colar preto com três flores de tecido na mesma cor.

Adélia Nicolete – Mestre e Doutora em Artes pela ECA-USP, escritora, pesquisadora teatral, condutora de ateliês de escrita. Publicou, entre outros livros, *Luís Alberto de Abreu – um teatro de pesquisa* (Editora Perspectiva), *Sônia Guedes – Chá das cinco* e *Umberto Magnani – um rio de memórias* (Imprensa Oficial do Estado de São Paulo). Mantém o perfil @manto_da_transicao, no Instagram e o canal de audiolivros @partilhasliterarias no YouTube.